



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA
DE COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL – EICOS

MARCOS VICTOR MEIRELLES DOS SANTOS

BULLYING, QUAL É A GRAÇA?
A ESCRIVIVÊNCIA DAS EXPERIÊNCIAS MICRO E NANOPOLÍTICA DOS (DES)
ENCONTROS - NARRATIVAS DOS EFEITOS E POTÊNCIAS DO
(DES) CUIDADO NA ESCOLA

RIO DE JANEIRO

2024

Marcos Victor Meirelles dos Santos

BULLYING, QUAL É A GRAÇA?
A ESCREVIVÊNCIA DAS EXPERIÊNCIAS MICRO E NANOPOLÍTICA DOS (DES)
ENCONTROS - NARRATIVAS DOS EFEITOS E POTÊNCIAS DO
(DES) CUIDADO NA ESCOLA

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social (Linha III de pesquisa: Psicossociologia da Saúde e Comunidades), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientador(a): Profa. Dra. Nereida Palko e Prof. Dr. Emerson Elias Merhy

Rio de Janeiro 2024

REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Roberto Medronho

COORDENADORA DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÕES Paula

Maria Abrantes Cotta de Mello

CIP - Catalogação na Publicação

d722b dos Santos, Marcos Victor Meirelles
Bullying, Qual é a Graça? A Escrivivência das
Experiências Micro e Nanopolítica dos (Des)
Encontros - Narrativas dos Efeitos e Potências do
(Des) Cuidado na Escola. / Marcos Victor Meirelles
dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2024.
64 f.

Orientadora: Nereida Lucia Palko dos Santos.
Coorientador: Emerson Elias Merhy.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2024.

1. Bullying. 2. Micropolítica do Cuidado. 3.
Ensino Público. 4. Escrivivência. 5. Saúde Mental.
I. dos Santos, Nereida Lucia Palko, orient. II.
Merhy, Emerson Elias, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Marcos Victor Meirelles dos Santos

BULLYING, QUAL É A GRAÇA?
A ESCREVIVÊNCIA DAS EXPERIÊNCIAS MICRO E NANOPOLÍTICA DOS (DES)
ENCONTROS - NARRATIVAS DOS EFEITOS E POTÊNCIAS DO
(DES) CUIDADO NA ESCOLA

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social (Linha III de pesquisa: Psicossociologia da Saúde e Comunidades), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada em 03 de Janeiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Nereida Palko (Orientadora) - UFRJ

Prof. Dr. Emerson Elias Merhy (Orientador) - UFRJ

Prof. Dra. Maria Paula Cerqueira Gomes (Titular Interno) - UFRJ

Prof. Dra. Erminia Silva (Titular Externo) - UNICAMP

Prof. Dra. Barbara Eleonora Bezerra Cabral (Suplente Externo) - UNIVASF

Prof. Dra. Kathleen Tereza da Cruz (Suplente Interno) - UFRJ

Prof. Dr. Paulo Eduardo Xavier de Mendonça (Membro Extra) - IESC UFRJ

Rio de Janeiro 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Ata de Defesa de Mestrado

Às 10:00h do dia **03/01/2024**, o(a) aluno(a) **MARCOS VICTOR MEIRELLES DOS SANTOS** (registro nº. 122012993), se submeteu à banca examinadora composta pelos Professores Doutores - membros efetivos: Nereida Lucia Palko dos Santos (orientadora e presidente da banca), CPF nº 028.014.357-59, Emerson Elias Merhy (Co-orientador), CPF nº 450.462.208- 49, Maria Paula Cerqueira Gomes, CPF nº 956.901.827-53; e Ermínia Silva, CPF nº 756285118-20; membros suplentes: Barbara Eleonora Bezerra Cabral, CPF nº 972.106.844-68 e Kathleen Tereza da Cruz, CPF nº 830.615.099-68; e membro extra: Paulo Eduardo Xavier Mendonça, CPF nº 661.722.687-91. O trabalho do(a) aluno(a), intitulado **“BULLYING, QUAL É A GRAÇA? A ESCRIVÊNCIA DAS EXPERIÊNCIAS MICRO E NANOPOLÍTICA DOS (DES) ENCONTROS - NARRATIVAS DOS EFEITOS E POTÊNCIAS DO (DES) CUIDADO NA ESCOLA”** foi: (X) aprovado, devendo entregar a versão final encadernada no prazo de 60 dias; () aprovado condicionalmente, devendo apresentar os ajustes exigidos pela banca, no prazo máximo de 90 dias*; () reprovado. **APROVADO(A)**, o(a) aluno(a) faz jus ao título de **Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social**. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata que é abaixo assinada pelos membros da banca e pelo(a) aluno(a).

Banca:

Orientador(a):

Aluno(a):

Observações: Trabalho inédito e relevante para a produção do cuidado em saúde sob a perspectiva da intersetorialidade. Sugere-se a publicação em periódicos indexados

Atestado de cumprimento das exigências*

O(A) aluno(a) cumpriu as exigências e a partir desta data e tem 60 (sessenta) dias para entregar a versão final encadernada.

Assinatura do Orientador

Data: **03/01/2024**

Dedico este trabalho a você que está lendo! Sim. Primeiramente. Seguindo.

Dedico este instante que se desdobra na obra, que em sua construção teve traçados de suor e sangue, muita força, diante de toda a fraqueza que o mundo me oferecia, mas que alguns seres materiais e imateriais em corrente cediam seu tempo e energia, que cediam a corda de um destino amarrado. E braço a braço foi se constituindo e construindo feito abraço, envolvendo as incertezas, desenvolvendo potencialidades e diz envolvendo a cada balde de massa experiência conhecimento e encontros que ergueu essa obra. A esses seres que me propuseram um pensar sobre o diz envolvimento que aqui dedico essa produção plural e polifônica.

Não sei dizer, entender ou ergue a palavra para este momento, encontro, no mais em uma proposta de oferenda, encaminho esse trabalho e toda a dedicação que tive, tenho e terei ao longo de minha existência, a você, aqueles, a nós, que nos identificamos, encontramos, nos reconhecemos-nos no olhar, sentir, sofrer, sorrir por toda nossa vida, trajetória, história, existência, resistência e resiliência.

E antes e diante da certeza de que não estou, nunca estive e nem estarei só, dedico à sabedoria de uma guerreira de Oyá, a firmeza e justiça de Cabecilê, minha mãe Lilinha filha de Iansã e Xangô, a deusa do mar que me faz navegar Alessandra odoyá filha de Iemanjá e não somente mas também aquela que em minha cabeça é pura beleza e transpira a riqueza orayeyeô mamãe Oxum, e em ancestralidade e herança aquele guerreador e general de batalha patacori Ogum meu pai, ao que carrega o conhecimento e pelas matas é o caçador, okê arô meu pai Oxossi, aos Exus que são meus mentores e guias, a malandragem que é minha família e ao irmão e amigo José Pelintra e sua falange, dedico esse caminhar.

AGRADECIMENTOS

Seria muito injusto se dissesse que conseguiria aqui, umedecer o coração de todos aqueles que minimamente fizeram o movimento sentir, dando o seguir sentido ao caminhar que aqui se fez, permanecerá e por ele continuaremos a andarilhar. Não haveria neste documento literário, tanto chão para comportar toda minha gratidão que no serenar das mais belas e ricas intenções, banha e escorre pelo corpo esculpido de céu. A contentar e contemplar as estrelas que inundam esse escurecer e possibilitam inigualável anoitecer.

Poderia ter dito simplesmente que é complexo agradecer a todos que merecem. Mas se assim fizesse, não seria Eu.

Assim em mais uma tentativa de agradecer. Me entrego ao essencial ao que toca, vibra e explode pelo ar, polinizando, semeando e gerando vidas. A Rainha, a mãe, a mulher, o feminino, o matriarcal, em especial Lilian Meirelles minha mãe e Alessandra Meirelles em sua pluralidade multifacetada de irmã mãe.

Sigo na desordem e no dito desrespeito, mas no sentido abençoar, de volta ao cazuá, venho a ancestralidade, aos mais velhos, orixás, entidades, espíritos, santos e a terra, céu, água e ar, saldar, fazer votos de agradecimento, solicitando benzimento para o meu trabalho e vida continuar a seguir e prosperar. Abrindo caminhos para a bondade e o cuidado, se manifestar.

Parabenizo, aqueles que diferentes dos demais, me fizeram acreditar, na possibilidade que nos negam, silenciam, invisibilizam, nos fazendo sufocar. Não é atoa que sou fã e num vulto creio vultoso no credo no orixá, no Ori que em minha cabeça, não me deixou desistir ou me calar, Xamãs aos quais tenho com todo meu carinho agradecer e parabenizar: Emerson Merhy, Nereida Palko, Paula Cerqueira, Tati Brandão, Mônica Rocha, Erminia Silva, Barbara Eleonora, Kathleen Cruz, Marcos Peu, Paulo Eduardo Xavier, Zé Carlos e todos os colegas pesquisadores da linha 3 e do Eicos da UFRJ. E a CAPES que com seu financiamento através da bolsa de pesquisa me proporcionou pequenos alívios no espaço tempo para viver e conviver a pesquisa, o produzir pesquisar.

Agradeço às dores e às alegrias, aos sorrisos e aos choros, aos amores e aos dissabores (poucos), aos sonhos/fantasia e às realidades, às maldades e às bondades, aos amigos e aos (quase) adversários, à natureza e à cidade, às pessoas humanas e desumanas, aos animais, aos 4 elementos, às Divindade, Filosofias, Religiões, aos Mistérios. Agradeço à vida e me curvo às mulheres, às minorias em oportunidade e direitos e a todo ser solidário e de luta.

Agradeço à minha negritude periférica acadêmica e artística. Mas "Desagradeço" aos autoritarismos, às ditaduras, ao racismo, à homofobia, ao genocídio, à injustiça, ao machismo e toda forma de violência e opressão.

Não deixando para trás aquele que me trouxe até aqui nesse plano reencarnatório e pura paternidade biológica Willian G Santos.

Meu muito obrigado: Às Lilians, Aloisias, Chicas Xavier, Alessandras, Izabelas, Christinas, Marcilenes, Marias, Maquizeles, Ledas, Elianes, Iracemas, Ilnetes, Goretis, Célias, Nildas, Dhus, Lenices, Alines, Sônias, Mychelles, Anas, Tatianas, Luanas, Isabellys, Nereidas, Paulas, Mônicas, Juciemas, Neides, Marinas e às Liz Morenas, que brilham, no nosso olhar, todo o carinho. E a todas que estão, passaram ou passarão e não teve seu nome citado, mas se fazem ou fizeram presentes em afeto, graça, energia e emoção. Para essa conquista conclusão.

EPÍGRAFE

O importante não é ser o primeiro ou primeira,
o importante é abrir caminhos.

Conceição Evaristo

Eu não estou aceitando as coisas que eu não posso mudar,
estou mudando as coisas que eu não posso aceitar.

Angela Davis

Enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos,
quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo,
a criação de um novo destino.

Conceição Evaristo

Um rio não deixa de ser um rio quando ele conflui com outro rio.
Ele continua em sua essência. Essa é a grandeza da confluência.

Antônio Bispo dos Santos - Nego bispo

Nós somos o começo, o meio e o fim. Nossas trajetórias nos movem,
nossa ancestralidade nos guia.

Antônio Bispo dos Santos - Nego bispo

A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente
sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso,
estaremos adiando o fim.

Ailton Krenak

Eu tenho uma missão e não vou parar. Meu estilo é pesado e faz tremer o chão.

Minha palavra vale um tiro. Eu tenho muita munição.

Mano Brown

Se as palavras têm sentido, não as interprete, sinta!

Victor Meirelles

MEIRELLES DOS SANTOS, Marcos Victor. **Bullying, Qual é a Graça? A Escrivência das Experiências Micro e Nanopolítica dos (Des) Encontros - Narrativas dos Efeitos e Potências do (Des) Cuidado na Escola.** Rio de Janeiro, 2024. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Programa de Pós-Graduação Eicos, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024

RESUMO

A proposta de pesquisa se compõe inicialmente pelo caminhar das produções de existências, afetos e afecções que o bullying e a violência podem agenciar psicossociologicamente na vida da comunidade escolar. Mas é sob um olhar poético, micropolítico e nanopolítico do encontro no encontro que a inspiração a partir do ponto de vista do outro, orienta um outro fluxo rizomático, aquele que traz o pesquisador, a navegar por suas implicações, afecções, devires, desejos e subjetividades, ser sentindo in mundo, campo afetando, afetado pelo objeto da pesquisa. Onde a escrivência metodologicamente traça poéticas narrativas, escrivida pelo pesquisador do que essa violência o causou, do que o trabalho vivo em ato, que é a arte do ator dentro da escola, lhe fez na produção de uma ferramenta de cuidado chamada palestra artística *“Bullying, Qual é a Graça?”* e as experiências dessa micropolítica e nanopolítica do encontro no trabalho vivo em ato e arte nas escolas.

Palavras-chave: Bullying. Micropolítica do Cuidado. Ensino Público. Escrivência. Saúde Mental.

MEIRELLES DOS SANTOS, Marcos Victor. **Bullying, Qual é a Graça? A Escrevivência das Experiências Micro e Nanopolítica dos (Des) Encontros - Narrativas dos Efeitos e Potências do (Des) Cuidado na Escola.** Rio de Janeiro, 2024. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Programa de Pós-Graduação Eicos, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024

ABSTRACT

The research proposal is initially made up of the production of existences, affections and affections that bullying and violence can have a psychosociological effect on the life of the school community. But it is under a poetic, micropolitical and nanopolitical gaze of the encounter in the encounter that inspiration from the other's point of view guides another rhizomatic flow, one that brings the researcher to navigate through their implications, affections, becomings, desires and subjectivities, being felt in the world, field affecting, affected by the object of the research. This is where the methodological writing experience traces poetic narratives, written by the researcher of what this violence has caused him, of what the live work in act, which is the actor's art within the school, has done to him in the production of a care tool called the artistic lecture "*Bullying, Qual é a Graça?*" and the experiences of this micropolitics and nanopolitics of the encounter in the live work in act and art in schools.

Keywords: Bullying. Micropolitics of Care. Public Education. Write living. Mental Health.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. COMEÇO DE CONVERSA | 11 |
| 2. SPOILER, PELA FRESTA DA CORTINA | 13 |
| 3. PRIMEIRO ATO, PRIMEIRO PASSO | 14 |
| 4. ESCREVER, VER, VIVER, ESCREVIVE | 16 |
| 5. CONSTRUÇÃO DA PALESTRA ARTÍSTICA | 23 |
| 6. O (DES) ENCONTRO EM UMA (IN) DISCIPLINA PRODUTORA DE ACOLHIMENTO, UMA REDE UNIDA | 29 |
| 7. O QUE FAÇO COM O QUE FIZERAM E FAZEM COMIGO | 35 |
| 8. CONVERSAS NA CONVERSA COM EMERSON ELIAS MERHY | 38 |
| 9. UMA MÃO DE PROSA COM CONCEIÇÃO EVARISTO | 41 |
| 10. NA COZINHA CONVERSO COM KATHLEEN TEREZA DA CRUZ | 43 |
| 11. CONVERSA COM GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI..... | 44 |
| 12. PAPO COM JORGE LARROSA BONDÍA | 45 |
| 13. DIÁLOGO COM MARCOS E VICTOR..... | 46 |
| 14. NOTAS DE ESCURECIMENTO | 48 |
| 15. REFERÊNCIAS | 59 |

1. COMEÇO DE CONVERSA

Não poderia deveria me resguardar ao ponto de não me apresentar, seria um total descaso com as pessoas que me fizeram e fazem acreditar, muitos e alguns que aqui me provocaram estar. Assim como Ermina Silva, Nereida Palko, Paula Cerqueira, Barbara Eleonora, Emerson Merhy e Paulo Xavier por e a eles e a todos os outros não posso me ausentar. Eis o que eu tenho a dizer vem antes e depois de eu no mestrado me qualificar, ufa, agora pelas memórias emotivas, afetivas e inventadas eu me tenho a caminhar, lá vem Merhy a me rememorar, sou eu o ser em movimento, a palavra que se fez corpo em nas aldeias da vida vive o prostrar caminhar. É desse ar que me falta, que começo a falar ou me apegar. Você que caminha comigo nessa leitura deve se recordar o quanto de mim sou bom de falar. Acho melhor tomar um ar, voar pela memória, não me intimidar e me propor a este assunto me conectar.

Meu nome é Marcos Victor Meirelles dos Santos, e nesse mesmo instante a cabeça coça a perguntar, mas não é Victor Meirelles? Calma que eu vou te explicar, aproveitando a inspiração de Manoel de Barros, o poeta que tive a fortuna de encontrar. E na minha infância, para que você possa entender, terei que retornar.

Sou seres, mundos e multidão em minha composição. Se engravidando, engravidado a e por cada ocasião. Mas neste momento desapegado de tanto tempo, me fixo em dois eus, meus seres a literatura e pesquisa em resposta a expectativa a contento suspirar.

Apresentando esses dois seres, digo que um é o biológico, mamífero cria de Lilian e William, o segundo é o ser artista, cria da natureza, da família, da seirologia, da necessidade, da inventividade, da comunidade, da criatividade, da afetividade, da imaginação. Mas também da violação, da depressão, da recessão, da opressão, da distração, da agressão, que provocou trauma, ruptura, desconforto, reorganização, reintegração na vida mundos desse que se fazia um novo cidadão.

A vulnerabilidade do outro me fez vulnerável, pois o medo do próximo golpe o fazia em mim repelir uma pancada, e eu acreditando na minha fraqueza recebia a porrada que vinha pelo ar, pelo chão, palavrão, xingamento, exclusão, e eu me aguentava, achando que estava contendo a invasão. Claro que não, apenas os muros se mantinham de pé, rígidos em todo seu fraquejar, o vento a infiltrar, na escola, em casa, na rua, em todo lugar, me impedindo de me comunicar, de sair, de um ou daquele qualquer lugar, já não queria mais enfrentar, me fiz sucinto em todo o meu pensar, fazer, pesar, mas devia seguir e não parar. A arte, o teatro, o meu teatro, me fez criar uma forma de meu corpo, meu eu, interagir e se movimentar. Assim,

construir trincheira, uma muralha que eu pudesse me deslocar, desloulcar, a vida invocar.

Nesse instante da/na vida uni os meus amores, a arte, ser artista, o teatro, ser ator e meu teatro, o ser artista ator Victor Meirelles, como versaria Antonin Artaud, um dos vários possíveis duplo que em uma existência você pode gerar, engravidar. Trazendo Artaud para o palco diria que com o Victor eu consigo existir em outros mundos e mundos outros, no mais cru que o agir e o viver pode desempenhar na produção de vida, existência e cuidado de si. Conseguindo interagir, falar, estar, em sociedade, deixando o antes "vivo em tumultuado vazio, da fome de pratos vazios", para me desterritorializar, reterritorializar, territorializar diante de cada acontecimento que suceda a me encontrar. Sorrir, gargalhar, discursar, com o Victor Meirelles é frequente despertar, no lugar de ser ver, ouvir e falar.

Antes de me ausentar para um novo ato começar, as palmas a ti venho confiar. E claro comentar que o meu teatro, teatro de Marcos e Victor, que gerou no semear a palestra artística ***Bullying, Qual é a Graça?***, muito do teatro da crueldade, oprimido, pobre, com Baco, Dionísio e um bom vinho fez se embebedar para aqui estar.

Iniciamos aqui mais um ato de nosso teatro vivo, que no desdobrar das páginas vai nos carregando pelas cenas e como a arte transborda vida e nela se entrelaça e se faz ver verdade nas realidades. Digo meu caro, não como o grande poeta Manoel de Barros que este ato se trata de noventa por cento de invenção e dez por cento de mentira, não, o que ofertado são cuidadosas possibilidade de dizeres que poderiam em completude ou meras prosa ou versos saltarem dos palcos das palavras, onde qualquer desses viventes aqui poderiam fonetizar.

2. SPOILER, PELA FRESTA DA CORTINA

Boa noite para quem é de boa noite. Boa tarde para aqueles que são de boa tarde. E bom dia pra todos que estão, permanecerão, tentarão e são de bom dia.

Peço licença para aqueles que por aqui passaram, que aqui estão e aqueles que por aqui irão passar, aos mais velhos, a minha, a nossa ancestralidade, aos adultos, jovens e as crianças que tão lindamente doces colorem, correm, vibram o movimento do nosso viver.

Para começar não meço minhas emoções aqui escritas em um eu que não mede a experiência vivida, a transpiração poesia nesta dança à produzir um bailar de conhecimento e existência do vivido na potência existente nos momentos em cada encontro, um devir de expectativas da produção de cuidado e vida bem vivida.

Se considerasse essa produção um espetáculo teatral teria ele quatro atos, em um *spoiler* diria que uma das diversas e cortantes lâminas da arte em sua multiplicidade faz um leve corte na cortina, abrindo nossos olhos que pela fresta, como um furo no passado imediato nos oferta essencialmente 04 vídeos a friccionar a pele preparando-o ao desembasar do coração. A escritora Conceição Evaristo que molda, traça a metodologia rítmica e desenha a dramaturgia, que no primeiro ato ao abrir do pano, se apresenta em poéticas experiências, seguindo dos diálogos, micropolíticas de um trabalho vivo em ato de Emerson Elias Merhy que no encontro com autores personagens produz braços e abraços teóricos afetivos nessa cênica experiência na construção da realidade saber de um andar pelas cenas, e antes que a luz se apague, uma deixa para significados, trechos de termos e expressões que fizeram e fazem parte do cenário, roteirizados ao fim em notas a escurecer e endurecer os conceitos, que serão pedras a pavimentar o caminho da pesquisa e da produção do conhecimento, interagindo, inventivo, interferindo e agindo com o leitor público quebrando a quarta parede dimensão de uma sensível conexão quadridimensional.

3. PRIMEIRO ATO, PRIMEIRO PASSO

É imprescindível, necessário e obrigatório para este encontro entre nós, que você antes de caminhar por esta leitura, assista os vídeos abaixo na ordem, como se os mesmo fossem; que é! O capítulo inicial desta dissertação. A fresta que se abre ao paladar, que a fragrância dessa pesquisa possa derramar em ti.

Em um primeiro instante lhe convido a sentar na plateia do Congresso Internacional de Saúde da Rede Unida na Universidade Federal do Espírito Santo em Vitória no Brasil e disponível, interagir com os acontecimentos que esta Praça onde é apresentado a palestra artística ***Bullying, Qual é a Graça?***, pode lhe proporcionar.

Dando alguns passos, não posso deixar de passar a importância da Rede Unida, que é uma entidade internacional, sediada no Brasil, que se estrutura por uma coordenação internacional que tem como objetivo promover iniciativas conjuntas entre universidades, serviços de saúde, organizações comunitárias, arte e cultura, no Brasil e países onde mantém Núcleos Internacionais. Propondo sempre o trabalho colaborativo. A coletividade constituída a partir desse movimento se caracteriza pela valorização das contribuições multiprofissionais e interprofissionais advindas dos campos da saúde, educação, ambiente, diversidade, arte e cultura. E a Praça Sinais que Vem da Rua que integra seus congressos, como o nome já diz é uma praça, espaço plural intersetorial de diversidade em circulação, aberta a exposição de trabalho multiprofissional, onde a potencialidade dos sinais que vem da rua reverberam, se relacionam e dialogam em mostras com as áreas da saúde, educação, ambiente, diversidade, arte e cultura. Espaço ocupado de importância singular para minha pesquisa, na minha trajetória acadêmica, profissional, educacional e artística.

Em seguida após o pulsar de sua expiração, para a inspiração lhe ofereço com um deslocar pelo ar, no tempo a te levar, a Escola José de Paiva Neto no subúrbio do Rio de Janeiro em Del Castilho, onde foi gravado uma matéria pela TV Boa Vontade intitulada “Não ao Bullying”, que cheia de boa vontade registra e propõe a compartilhar imagens e depoimentos de algumas pessoas que tiveram experiência de participar da atividade ***Bullying, Qual é a Graça?*** parte dessa pesquisa. Seguindo na possibilidade de aumentar a oxigenação e encher os pulmões de possibilidades, lhe apresento no contexto jornalístico da emissora SBT uma proposta de pauta “Valorização da Vida”, que tem em sua matéria a palestra artística como atividade e ferramenta nos contextos de bullying e violência na escola e sua importância, tendo nessa circunstância as palavras de uma psicóloga, para o valor dessa atividade creditar.

Por fim, em fim, ao fim que se inicia o primeiro passo, um vídeo, que recolhe o agora, o ontem, o hoje, o amanhã, de um futuro que não quero que se redescubra presente. A edição, a arte e o efeito da palestra em uma aluna, em mim, em vós, na voz, em nós.

1 - 15º Congresso Internacional da Rede Unida - 2022:

https://www.youtube.com/watch?v=H_hPIOvi-JU

2 - Matéria veiculada na TV Boa Vontade - 2019:

https://youtu.be/cVnfnxUz_38

3 - Matéria veiculada no Canal SBT - 2022:

<https://youtu.be/CKRT0DPvkk4>

4 - Vídeo recolhido a partir da experiência - 2018:

<https://drive.google.com/file/d/1AYTDi0XTxo1uDjttWwK01XtfE4MHOWLO/view?usp=sharing>

Diante do tempero de um refogar audiovisual, que possamos, passamos, andarilhar adiante. Pois, não só quem sabe faz a hora, mas aquele que no saborear da curiosidade, se perfaz momento e no esperar vive a esquina suceder. Simbora, sim bora.

4. ESCREVER, VER, VIVER, ESCREVIVER

O que eu sinto é um desencontro sobre o que sou e o que sinto ser. O que sinto que sou é resultado do que vi, vivi. Victor, Marcos Victor.

Decido neste momento escrever. Mas da mesma forma que falar de mim, para mim e para os outros é um algo doloroso. Ainda me complica as mãos, a mente, sinto tremores, temores, dores pelo corpo, ele não responde como eu gostaria. Ainda me sufoca, angústia, o exercício de dizer. Busco o descaminho, me aproximo da dislexia, me afasto desse não lugar, mesmo parecendo não sentir, me sinto. A porta, a janela, o carro, o som, a respiração, os pedidos, o riso, o rizo, me agarro em qualquer coisa, pessoa, situação, ato, que possa me tirar dali, daqui, sem me ver, me verem.

Como posso me desencontrar tão facilmente, olho para frente e ali está o meu reflexo, tenho plena certeza que sou eu ali sentado, as mãos postas no teclado em movimento contrário, ao que deveria fazer, não que seja um dever, mas uma vontade e um querer. Ainda assim me esforço, forço, para descrever, escrever algo “tão” simples que é o que está no meu pensamento querer.

Respiro, não piro, transpiro, me inspiro, e volto meus olhos a tela, lágrimas escorrem, uma sensação estranha me ocupa, as mãos esfriam o peito aperta, a vista embaça, meu coração acelera, parece com as batidas do atabaque em um xirê, canção aos orixás, que ouço para provocar ativar, que seja meu eu espiritual, ancestral.

Levanto, caminho, sento, levanto. E o desejo me cobre, mas o frio endurece as mãos, o corpo. Olho por mais uma vez a minha tela, as lágrimas escorrem, lembro de minha mãe, e o quanto ela era o que era e o que queria ser. Uma voz conhecida, uma vontade acorda, a corda toca, um puxão, um refrão e eu recomeço. Por mais que seja por mim, é pelo outro, pelos outros.

Hoje chorei de alegria, minha criança disse de si que dos olhos o oceano saltava, reflexo da criança que somos, seremos, fomos, ternura, conjuntura, decorrência, essência, que eu em nós e nós em mim sempre será, estar. O que nos faz uno coletivo do brincar, sorriso, cujas lágrimas do amanhã cada um de nós há de deflagrar. E ao me falar no espelho, reflito audivelmente palavras que carregam, não a minha história, mas nossas memórias, refletidas repetidas em nossos corpos a cada situação sensação. Narrar a ancestralidade em mim contida, é contar cantar catar oral e literariamente o quilombo, aldeia, família, comunidade, coletividade que compõe - se das mesmas notas, que orquestram minha subjetividade vida realidade, música que ressoa em minha voz um coletivo coral do sol, em si que faz nós.

Ubuntu, eu sou porque nós somos, acordes em uma mesma melodia a resgatar a essência de ser, um ser, humanamente consciente do coletivo humano que és, pessoa nota em musical existência se relacionando com as diversidades seres outros notas constituindo constituído em grande harmonia social do todo humanidade. Ubuntu (filosofia do sul do continente africano), eu sou porque, nós somos. E se somos, sigo.

Por mim, por outro, por nós; para outros. Mas por que não por mim? Talvez seja pela “longe se vai quem acredita”, e muitas vezes, ou quase todas as vezes, acredito que longe não devo chegar, quando chego a algum lugar, tento não comentar comemorar, me torno invisível, tento até não respirar, qual falo, o que falamos, me faz lembrar e a dor, culpa, medo, vem me visitar, ali não quero estar.

Achei que aquelas pessoas infâncias, só achavam graça de implicar (injuriar) comigo, não imaginei que seria implicado por aquelas “brincadeiras”, e que sem graça, passaria eu a me implicar, para não ser mais o motivo da graça, de graça, desgraça.

Me afastei por alguns dias; o não fazer, é um fazer, se recuperar (nesse momento um autocuidado). Ainda um pouco dolorido nesse espaço, retomo esse desencontro. E me ponho a falar, me aproveitando da fé e da crença dos outros corpos pessoas que me fazem acreditar. Acreditar. É abrir os olhos e o sol se revelar. Os pés fincados na areia, e a certeza que a onda vai chegar e molhar. O barulho que irrita! Mas a alegria de escutar. É perceber que nos momentos de tristeza, sofrimento, angústia e amargura. Ao estender a mão, alguém vai te segurar. Abraçar. É só viver no acreditar.

Nesse ritmo sincopado volto a bater minhas mãos no teclado para nascer, esta carta poética narrativa, a lhe apresentar. Invocando o motivo por estar aqui, como se ele fosse alguém. Talvez seja um corpo invisível, que enraizado em mim, se faz companhia desejo, daqueles que te/me fazem crescer para lugares que ele(s) desejam te/me encontrar.

Me perco, o que não é difícil, por um único fato, ser meu afeto e familiar o “deixar” na minha trajetória, mas nem sempre foi assim, a bola, o pique, a pipa, o pião, o taco, o rolimã, tantas foram as coisas que fui deixando, me deixando afastando. Fraqueza, até seria se a fome, o tráfico, a miserabilidade e as mazelas de ser preto, pobre e favelado, vivendo todas as realidades que uma comunidade periférica oferece, não tivesse passado e passando por esse corpo. Não, não foi só um tapinha, um empurrão, um ato de humilhação, uma turma, um bondão que te/me virou as costas e te/me fez parecer diferente da multidão.

Não poderia ser mais escuro, no anoitecer de minhas palavras, que me corroem profundamente, em um possível rodeio em torno de mim, de ti. Para conseguir aumentar meus

laços de confiança e me afastar da vontade de não falar, acredito que você quer me escutar, ler. E que a minha vez, não tira a sua vez, e que este movimento feito por mim não institua um ato de violência contra você. E se isso parecer. Eu deixo! Me calo, não por temer o embate, combate consigo, mas para que eu com sigo, caminhe pacificamente, na dúvida de tu por mim ser um desafeto.

Você acredita que eu não consegui até hoje alinhar meu curriculum vitae, lattes por completo com as coisas que já fiz, criei, trabalhei e estudei, para escrever uma biografia que seja mini, condiz com o manto de tricô que ponto a ponto, fio a fio, me dá o mesmo trabalho, esforço, sufoco que decorar um texto de uma hora ou “virar uma laje” ou melhor me sinto naquele momento minutos depois da feijoada e ou comer uma rabada, pós preparar alguns carrinhos de cimento, zozzo, em stand by, olhando aquela tela inerte, e por maior que seja a necessidade, o querer e no mais à vontade, o desejo é outro.

Engatinhar por essas linhas, por horas, dias, semanas e ou anos é me fazer crer do motivo por que estou aqui e de alguma forma, puxar lenta e dolorosamente o arame farpado que circunda meu tronco, impedindo que eu cresça à vontade, para onde bem querer e melhor prover. É! Faz tanto tempo que fui envolvido por ele que sinto o sangue escorrer e a respiração fatigar. Mas aqui estou a convite e percebo que se não o fizer, outros continuarão sendo envolvidos, vindos, vidas.

Foram essas marcas feitas das dobras, de um corpo cuidador em um território escola de acolhimento que cuida dor, produz sofrimento, não cuidado, não saúde. Que fez desse corpo vibrátil, afeto, afetado perseguido por um corpo sem órgão que vaga por meu cotidiano me lembrando que não devo aparecer, ascender, ser ponto de atenção pois não mereço, e o que ganho é o desprezo, indiferença e a silenciosa e violenta desvalorização.

Córrego sem cabelos, correnteza que deduz a partida subtraindo mundos e vidas, morte moral, oral, social, profissional e pessoal. Vidas de um mesmo corpo à deriva em vias da existência.

Acho que nesse desencontro marcado, consegui avançar alguns passos, frases. Mas ainda é pouco para aquele que te/me diz-valorizam, diz-sonante em busca de se manterem em suas posições.

Diz cordando de nossa potencialidade e capacidades, em prol de uma manutenção de poder, que como parte do processo de ensino aprendizado, é de reprodução, repetição, construção estrutural, necropolítica.

Ouço a voz que ensurdece, da janela, uma jovem com toda uma vida pela frente em sua realidade branca, de classe média alta, esbanjando furor. Conclui em palavras ao vento, acabo de crer, que esse mestrado não é para mim, idiota que sou, nem queria fazer, não sei por que não o deixei. Não sei mas me soou familiar, como tantas outras falas que ouço e me identifico e agora aqui replico e reivindico, uma forma de cuidado, a partir de um encontro afetivo de em arte que possa engravidar um agenciamento micropolítico de um trabalho vivo em ato, a se produzir vida, que seja pelo amor e não pela dor. Compondo músicas para renovar a natureza desejo de dançar em si, com sigo e com o outro, entre outros. Sentir, sentido, sentindo as linhas de força que o corpo música e dança pode movimentar por este mesmo ar, antes transbordado por uma impotência, por vindo uma polinização de ser, existências, mundos.

É a partir desse corpo in mundo, que agencio essa trajetória de possíveis fracassos, desarranjos enquadrados por engrenagem que engendram nesse corpo e outros corpos a dor do viver, meu viver, o meu campo de pesquisa. Campo tema que já havia me abordado por várias vezes, nos corredores, pátios, quadras, rua, no meu quintal, e despercebido ele já dormia comigo; não me deixava dormir. E agora, aqui, mestrando no Programa de Pós Graduação EICOS - Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social no Instituto de Psicologia da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha 3 - Psicossociologia da Saúde e Comunidade, tenho a oportunidade de estar frente a frente com ele, debatendo, escrevendo, pesquisando, afetado e implicado que sou, dando à vez, as tecnologias leve duras, ao trabalho que ato a ato em arte vai engravidando possíveis conceitos e promovendo possíveis micropolíticas do cuidado no produzir de da vida no encontro, refletindo negras luzes a desvendar na construção e realização da palestra artística *bullying qual é a graça?*, textos, subtextos, acionadores, intercessores, presentes nesta que passa a ser reconhecida como ferramenta, máquina de guerra no furar de muros¹, no despertar e conectar experiências numa ruptura do desencontro, no ciclo de violência.

Em 18 de julho, não só era eu a florescer, no desabrochar para natureza rizomática do arvorecer. Não nego, renego ou me entrego. Essas são minhas raízes. Negro, indígena, ioruba, preto, pataxó, artista, arte educador, ativista, pesquisador, acadêmico, professor e favelado, nunca deixo de lado este fato, faça chuva, verão, sol, inverno inverso solidão, vai além do coração, no arvorecer, imensidão, com raça eu ralo e falo, toda raiz semente que é tratada, regada, é farta, cresce, rejuvenesce, frutifica e fica, fica!

¹ No capítulo 14 notas de escurecimento, você vai o significado e a aplicação desse do conceito de máquina de guerra e furo no muro de Paula Cerqueira, 2021.

Assim, liberdade, pássaro que bate suas folhas, no mais que voar, flamar. Encontra certeza no horizonte conhecer. O meio ambiente acolher. Terra de querer, liberdade amadurecer. Natureza favela, afrobrasilidade, ancestralidade, raiz do saber. Quem nela cresce tende florescer, vencer.

Por isso este fruto não se distrai, retrai ou contrai da certeza das origens de uma árvore que décadas antes ali estava em toda sua formosura e força, em toda sua resistência palavras espalhando a fragrância da mensagem de que ninguém nasce odiando o outro. Que para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar. Dito pelo baobá Nelson Mandela.

Assim sigo na certeza da dúvida, da possibilidade do acontecer que as palavras têm, no sentido do fazer na vida. Acontecimentos que atijolados nos encontros podem dar forma inventiva as novas relações ali vividas a cada palavra, emmassada pelo sentido que cada uma tem nesta sapata a sustentar um cuidado com sigo, comigo e com o outro.

Sentir a dor de palavras infantis que lentamente, letalmente vão separando de si não só a dignidade, sanidade mas escorrendo a esperança, ficando a palidez de um corpo que já não mais produz. Palavras cortantes, cheias de graça que uma criança não ideação, mas a tentação no tentar o suicídio por duas vezes, por não conseguir ter amigos ou por ser humilhado diariamente.

Saber de um jovem que ele não quer mais sair de casa por estar sendo perseguido; ver alunos se auto violentando por acreditarem serem culpados pela indiferença dos colegas de classe; identificar pessoas que se calam ou omitem pelo receio de ser serem as próximas vítimas; questionar a falta de oportunidade no mercado de trabalho pela não qualificação, efeito da evasão escolar oriunda de uma agressão; cidadãos que não se relacionam, socializam e se isolam acreditando que é uma estratégia de segurança para não serem violentados. Pessoas que como eu carregam marcas, algumas vezes inconscientes, que constroem muros invisíveis e por vezes intransponíveis.

Desencadeado, ferrolho que desencontra o portal que nos leva em ausente querer, liberdade descondicionada, ao desejo de fazer, sofrimento adubo que se faz potência, trauma que em linhas de fuga, se converte em força, palestra artística ***Bullying, Qual é a Graça?***, experimentação da arte como produção do vivido fora. Marcas, cicatrizes negativas não podem ser em pele consideradas, mas agenciamentos sim tatuados a abrir planos portas de cuidado do sofrimento.

Um alívio escorre pelos dedos, a saliva seca propõe o rememorar das águas, o solavanco das nuvens, o soluçar da proa, o sal e o sol a transpirar, a tripulação tribulação, a bússola sem condição, o mapa sem razão. Mastro que se ergue vivo, timão que não se opõe à contramão, naufragar não é a solução. O vento do cuidado propondo novos caminhos, sigamos nós, corpos multidão embarcação.

Nessa pesquisa maquinaria de provocar fazer furos no muro², animada por várias caixas de ferramenta, experiências vividas com o teatro do Oprimido, Pobre, Fórum, Invisível, arte teatro de Victor Meirelles, que o corpo sentinte em um agir militante³, que a experimentação se faz construção de uma máquina, um maquínico de subjetividade⁴, chamado de *Bullying, Qual é a Graça?* Palestra Artística. Uma engenhoca que faz do pesquisador eu, sujeito implicado, ao entrar no campo de pesquisa, no chão da escola na conexão de mundos no abrir ao abrir do portão, dos portões, apresentar e ofertar aos participantes desse encontro com um personagem palestrante que tem sua fala deficiente, disruptiva e incapaz, uma reflexão sobre o tema violência, promovendo um diálogo interativo com os participantes (alunos, professores, familiares e colaboradores), de forma divertida e bem humorada construindo com um teatro uma cena real de bullying, onde eu sou a vítima e todos os presentes confusos tentam se identificar não só com a cena mas com o seu personagem naquela história, que chega ao ápice, no momento que me retiro da sala, e deixo o silêncio que reverbera em voz alta provocando diversos ruídos no interior de cada mundo presente naquele espaço reflexivo oferecido pela experimentação do acontecimento. Momento-toque tão sutil em ver e dizer, que imperceptível em seu nano tamanho, mas como dispositivo-ferramenta é de uma força que produz movimentos.

Momento que aciona, provoca como um dispositivo que fura o muro, produzindo possibilidades de colher experiências. Dessa intervenção que altera registros de supressão de protagonismo, que faz a suspensão do que seria o personagem principal, desembaçando todos os atores presentes naquele cenário os acionando de uma forma espontânea a fala, em um fluxo de captura diante de um corte, dobra. Do que vibra ao menor toque, no nano fazer vibrar.

Leve sentimento que leva a acariciar, sensível movimento no vulnerável cristal,

² No capítulo 14, notas de escurecimento, você vai o significado e a aplicação desse do conceito de máquina de guerra e furo no muro de Paula Cerqueira, 2021.

³ Corpo sentinte em um agir militante de KATHLEEN, 2016, tem seu conceito e reflexões do uso no capítulo 14, notas de escurecimento.

⁴ Maquínico de subjetividade de MERHY, 2021, pode ser encontrado comentado no capítulo 14, notas de escurecimento.

produzindo sonora vibração do fluido de si que borbulhar dentro e fora.

Entendendo a potência do encontro como território de produção de afeto, e a possibilidade de fazer nessas experiências um se tornar praça, roda, vivenciado vivenciando na atuação na rede de ensino público e privado do Rio de Janeiro, em palestras artísticas sobre o bullying, buscando nesse caminho o engravidar de novos conceitos que se apresentam, representam, intervêm ou interferem ao longo da pesquisa.

Percebo que das experiências desse encontro de corpos podemos descrever, escrever as diversas formas do cair das maçãs⁵, e para que esse trabalho vivo possa proporcionar um aprendizado, significar uma realidade, encontrar e gerar subjetividade e assim ativar, um agenciar possíveis de ações, micropolíticas e nanopolíticas do cuidado. Aqui escrevidos em por uma poética escrevivência.

Viver é perigoso, muito perigoso... Mas, aprender a ouvir o viver, que é viver o perigo mesmo. Trilha enganosa cujas as pedras que caem pelo caminho descrevem, explanam o existir de um fenômeno que em altos e baixos permanece contemporâneo, respirando a sociedade na vida real. Sim tinha uma pedra no meu caminho, tem muitas pedras, evidências, contextos, fontes, dados, que ao coletar por madrugadas de vistas desengonçadas, embaçado em uma única situação exploração, que no cansaço tive uma triangulação composta por um abraço dado pesquisador. Pesquisar é perigo e saber pesquisar que é dançar com o como, por que, quem, o quê, onde, quantos, quanto, e escolher o seu melhor par. Sem se deixar levar pelas críticas que se formam de puro saber, que ali vão estar a te condicionar a desviar o escutar. Não se deixando de cuidar, para superar, o que te espera ao pesquisar. Atento e forte.

⁵ Ah! Quando falo no cair de uma maçã, faço menção a fala do Emerson sobre experiência e experimento, com título Newton e a Maçã em uma de suas aulas, que disponibilizo aqui o link do vídeo: https://drive.google.com/file/d/1t16N_2WXLpn6otkMPuh8HVgSxNxprnlz/view?usp=sharing .

5. CONSTRUÇÃO DA PALESTRA ARTÍSTICA

Um tecido produzido pelo entrelaçar das linhas do tempo, encontro, espaço, mundo e viver, natureza de um trabalho vivo que se propõe na escrevivência da micropolítica, envolver, diz envolver, cuidar, acolher, diz envolvimento, cuidado. Ver no outro a si e pensar em si no outro, e como o mundo em sua, na sua produção poder corroborar em naturezas outras a produção de violência, angústia, doença.

Se as palavras têm sentido, não as interprete, sinta!

Se a palavra não é ferramenta ela pode ser objeto que somado a uma intencionalidade e/ ou talvez, um devir movimento, em conjunto com o corpo se faz força que gera propulsão, que como o grão ou o balançar das asas da borboleta interfere no mundo gerando um espaço, entre eu e o universo. Agenciando uma ação se tornando sim naquele momento que passa pelo meu corpo uma ferramenta. Palavras poder, força, linhas, amarras que propõe sentidos, coisas, pensamentos, potentes mecanismos de subjetivação micropolítica, nanopolítica.

Poderia dizer que é melhor ser alegre que ser triste, que a alegria é a melhor coisa que existe, mas devo pedir licença a Vinicius de Moraes e evocar num declamar que viver é a melhor e mais maravilhosa coisa que o ser humano, o vivo pode experimentar, indescritivelmente. Atravessado pela flecha fala de Ailton Krenak, retomo a remar na possibilidade de movimentar a maré para um curso contrário, possivelmente adiando o fim do humano viver. Antes mesmo que os céus desabem sobre nós. Sons que vem da terra e de seus originários saberes, já me sussurrava pelos ares Davi Kopenawa.

A luz se apagou, o olho se fechou, o arder das vísceras sobre as gélidas verdades ditas em um corpo desterritorializado por um soprar de um tornado ser, que se apresenta cuidado e educação.

O pássaro que ali via morto, era Eu, Eus, Meus. E se porventura quiseres dizer que o que vi, vira e virá no ontem fora trabalho de Exu, tire o seu tempo da chuva, que vai passar e coloque o seu clima no pesar.

Bom dia, Bom dia, Bom dia ... Ressoando o bom para todo o dia, para quem é de dia, para quem é de tarde e aqueles da noite.

Venho mais uma vez pedir licença a todas, todes e todos que habitam aqui minhas ancestralidades, aos que aqui estão, os que já tiveram e os que permanecem em linha de força, tecendo a teia que forma a grande rede de cuidado, quem me envolve, protege e cuida.

Em que seus dedos pensamentos fiam cordas de fuga, que no Diz envolver me envolvem em um laço no capturar atravessar o furo no muro. Esse diz envolver que me assegura um falar ouvir da importância, da extrema necessidade de estarmos atentos do estado físico e emocional de si, do outro, aluno, profissional e familiar que se encontra em nosso cotidiano. É do envolver-se com o próximo, que proponho dizer no encontro, envolver no mesmo sentido do abraçar, do acolher, do cuidado e do não ignorar. Seguindo daí possibilitando furar esse muro de indiferença, desrespeito, que gera sofrimento, morte e nos impede de nos envolver. É por esse furo no muro que minha, a nossa voz se infiltrará e ressoará aqueles que lá estão do outro lado, sozinhos, inseguros, sem cuidado.

Falo do ontem traduzindo uma herança sensível de hoje, de um corpo vibrátil, dolorido e sangrando por palavras de um ser desenvolvido, que produz adoecimento em seu pacto com o desenvolvimento. Engendrada por sua tecnologia dura, desenvolve a peculiaridade de um desejo de que ali o trabalho se mantenha morto.

Estático desestatisticamente inquieto me mantenho aqui de pé, com minha vida hasteada por um devir viver. Diante das pessoas atores gestores da educação, que afirmo se mantém por meu atravessar na certeza do meu deseducar. A palavra projétil que em uma rajada em frases me atravessou, deixando alojado no meu mais íntimo, fragmentos de intenções, que talvez leve vidas para extraí-los do meu corpo mente emocional, sentimental.

Naquele momento, Eu Exu comunica a assembleia do saber, o que poderíamos com as pedras palavras do presente, construir no amanhã distante que no passado passou, mas ainda vive aqui entre nós produzindo sofrimento. Fora de mim trazer a verdade, o que contemplo é a entrega da dúvida/inquietude. Que ali em um trabalho vivo em ato e arte se via no encontro produzindo a experiência no outro e em mim uma experimentação do, no e com o outro.

O presente passado é o percorrer no tempo das agressões no campo da existência da violência, que seja nos perseguindo pelos caminhos físicos, psicoemocionais ou por sua reprodução diária ao longo de décadas dentro e fora das escolas. No qual como uma pequena silhueta de uma onda ou a brisa do se mover de uma borboleta, as dores, angústias e demais sofrimentos resultados do trauma em mim, em ti e em nós reverbera, ontem, hoje e amanhã. A verdade que de dentro de mim repercute é aquela que se vê refletida na produção do cuidado determinado no instante que o meu trabalho humano é executado, trabalho vivo em ato e arte, produção em ato pura. Por ou de fora, a experiência e a experimentação podem me ou lhe dizer e produzir em objetividade ou subjetividade, a verdade.

E da experiência a interferência se fez verdade, que contaminou a intencionalidade e gerou nova ordem do sujeito do cuidado, ali se alinhavando uma problematização e objeto da pesquisa.

O dispositivo se fez acionador e a palavra se fez corpo e se fez ordem, impedindo e negando o fazer desejo da experiência por um processo de cuidado e promoção de saúde dos alunos e profissionais da rede pública do Município, Estado do Rio de Janeiro. No que se diz: o que fazes, nos oferta aumento de trabalho, demanda de equipe, o que chamo de problema, a busca é permanecer no desenvolver. A fala como o vento toca minha pele e me faz sentir o tocar de uma questão e problema de pesquisa. A intencionalidade de ter nas escolas uma caixa de ferramenta e uma máquina de fazer furo no muro, é dar visibilidade ao outro da nossa presença e consciência do sofrimento que ele está passando. Agenciando em nós por devires outros a necessidade de agir, nos transtornando a trabalhar mais. Diante de uma realidade que as gestões do si, se deslocam e se decalcam. Descaminho daquele que conhece⁶.

O que vou, vamos fazer, diante de crises de ansiedade, depressão, ideação suicida, declarada, omissa, soturna, na Escola, na vida?

Percebi instantaneamente a tecnologia leve, leve dura das encruzilhadas, de um sujeito implicado, replicando e implicando os presentes que se ausentavam em si, no encontro intercessor, um corpo, meu corpo campo sendo atravessado inundo a partir de uma invenção que é uma máquina de guerra no Diz envolvimento necessário para micropolíticas do cuidado no trabalho vivo em ato e arte pela vida vivida.

O que nos faz parar, atravessar, adiantar, contornar o que acontece. Que afeto é combustível, é barreira, é caminho, é desenvolvimento, desloca, desloucha, Diz envolvimento, rizoma, linha molecular?

Exu ar circular pelos territórios, exu perfume paira em linhas de força corpo impregnar, pele, pulmão, exaustão. Leve tecnologia a desdobrar, desconfigurar. Em nanopolíticas do movimentar.

Aqui em um trago, escrevo o caminhar pela experiência da palestra artística ***Bullying, qual é a graça?***, um eu artista ator, que se incorpora em si mesmo, se redescobrimo, desdobrando e ampliado em mundos outros em ti, que compõem galáxias de si, num exercício prático fantástico vivo do seu teatro Victor Meirelles, ofício e tecnologia

⁶ De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Trecho do prefácio da obra *O uso dos prazeres*, de Michel Foucault recitado pelo amigo Gilles Deleuze no pátio do hospital Pitié-Salpêtrière, onde Foucault foi internado no dia 9 de junho de 1984 e falece no dia 25 do mesmo mês, aproximadamente às 13h 15 min. Na tarde de 29 de junho, horas após a homenagem de despedida de Deleuze, o caixão é sepultado no modesto cemitério de Vendevre.

própria com certidão de nascimento e comprovante de residência existência e por uma pesquisa laboratório que se apresenta ao fazer em atividade antes mesmo do terror que foi o acontecimento tragédia na Escola Municipal Tasso da Silveira em Realengo em 2011⁷, episódio onde um aluno vítima de agressões, cenas repetitivas que se transformam em bullying, tatuam seu emocional e abalam duramente sua saúde mental, ferida aberta, gatilhos desestruturando e marcando seu crescimento sofrido doído viver, drama que o leva a condição de retornar após anos a mesma escola, um flashback real, revivendo o passado e acreditando que poderia dar fim aquele momento de dor e violência que rebobinava seu presente e enfim viver. E disparar em direção a Viver um possível futuro. Que embalado, baleado, embala uma ação que tem o desfecho de terror, deixando o que nunca foi ficção se fazer publicizar fato real, 01 suicídio + 12 mortos “crianças mortas” = bullying, agressões, preconceitos, racismos, necropolítica, facismo, ...fobias, violência na Escola, que se perpetua até os dias de hoje.

Uma narrativa, onde o personagem se coloca como palestrante, jornalista ao abrir da porta da escola, onde inicia o uso da ferramenta que já no primeiro passo no se apresentar já se faz experiência, para mim e para o outro que ao me ver, receber já se sente na graça de se achar com graça. O riso se produz no discorrer distorcer da minha fala deficiente, disruptiva e incapaz, que não condiz com um palestrante jornalista, o qual me apresento, fanho e gago a realidade desesperar. No mesmo passo com todo compasso, sem embaraço, me mantenho a caminhar, a direção com olhares a se declarar, quase em libras sem voz vem me contar, como que dessa forma esse sujeito, deixo ali de ser profissional, que engraçado vem uma palestra ministrar, ironia somado a frase, é legítimo, vai se ferrar. O personagem permanece ali comigo, vivendo e convivendo com a experiência, pensando na arte função de transformar, transformador, transforma dor.

Sala de aula, professores aos alunos organizar. Sou convidado ao palco tomar o lugar, as pernas como a bandeira, balançam, mas sem debandar. A certeza que ali aqueles uma experiência de afeto tenho que transportar.

Já ao dar o bom dia e me apresentar causo o riso a institucionalizar, peço licença e desculpas para aqueles que ali vão participar, trago o peso do trajeto, onde espaço e tempo são algo que uso para tocar, moro distante e vários transportes públicos peguei para ali chegar. Horas e energias demandando para aquele encontro participar. Inspiro, falo das regras para a

⁷ Massacre de Realengo: deixou 12 mortos e chocou o Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419> Acesso em 10 set. 2023.

Atirador de Realengo sofria bullying no colégio, diz ex-colega. <https://veja.abril.com.br/brasil/atirador-de-realengo-sofria-bullying-no-colegio-diz-ex-colega> Acesso em 10 set. 2023.

palestra fluir e no interagir continuar, peço que sejam sinceros e se não entenderem minha fala em diversidade, pode se tratar e retratar que me movimento para re explicar, e sigo. Falo do que significa a palavra bullying, bem humorado, chamo para o palco participantes a uma cena de bullying teatralizar, sem corromper a sensação trago exemplos da encenação, percebo o ironizar do público em sua condição. Tenciono o agir do personagem que se alonga com mais exemplos, um ápice pelos atos experienciados e provocados pela plateia no meu corpo vem a reverberar, exponho minha credibilidade e meu lugar, a irônica pressão se mantém a violentar; me emociono exponho o acontecimento que veio me reverberar, choro, suplico respeito, mas o bullying e a violência ali vem se apresentar, o roteiro se segue e tenho que sair e buscar um lugar, tentar me refazer e uma certeza tomar, a qual no roteiro se humaniza no lugar em que a vítima está a um passo de se suicidar. Ali me sento, e o tempo me vem a declarar se aquela ferramenta gerou uma experiência e um movimento positivo vai agenciar, nanopolítica.

O tempo passa e os participantes emocionados e impactados se colocam a me abraçar, de alguma forma se desculpar pelo que ele ou o outro fez com muito pesar. Me encorajam a voltar, retomo meu corpo personagem em um espaço que não era concebido o meu estar, falas de professores vem a reverberar, eu já sabia que ele não ia aguentar, triste passar por esse lugar. Sem perceber eles se apresentavam no seu lugar, de quem estrutural e imperceptivelmente não deixavam do bullying praticar. As ativações se fazem conexões, os participantes se encontram em suas ações, se emocionam em reações e ali colho minhas conclusões. Possibilidade de intenções que ventilam um querer do público a renovar suas ações, percebendo neles a conscientização, beirando a se conduzir pelo combate da violência e sua prevenção. Fazendo do e com o Eu corpo-vítima, que se produza possíveis novas relações.

São mais de 200 escolas e projetos sociais que provocados em mim fui reverberar. No síncrono pedalar, proponho um passear por recortes jornalísticos em que a mídia colore nossa presença em algumas instituições de ensino e comentam sobre o bullying, a violência na sociedade educacional e nossa passagem por ali, observando o que dá palestra artística ficou fica finca na paisagem no terreno humano escolar.

Link com matéria no O Fluminense - 2022 :

<https://www.ofluminense.com.br/brasil/2022/09/1256533-setembro-amarelo-bullying-pode-triplicar-risco-de-suicidio-em-adolescentes.html>

Link com matéria na Confeso Teresópolis - 2021:

<https://www.unifeso.edu.br/noticia/bullying-qual-e-a-graca-reflexao-foi-tema-de-encontro-no-unifeso>

Link com matéria na Boa Vontade - 2019:

<https://www.lbv.org/nao-ao-bullying>

Não poderia deixar de ao passar, no que tange literalmente as matérias jornalísticas e veículos de imprensa, me esbarrar com a material potência que o movimento transita freneticamente na condução de dados e informações e o que esse vai e vem costura em nosso cotidiano. Imprimindo credibilidade, editando e ditando valor, transmitindo importância, declarando sonoras necessidades modas, postando e impostando discursos, dando visibilidade veracidade a momentos verdades.

O que venho inquestionavelmente questionar é o fio que se puxou ao meu passar e o deixo exposto para que no doutorado possa, possamos puxá-lo e retomar retornar a essa página que fica entreaberta, dando vistas pauta ao que pode as reportagens, matérias e veículos de imprensa enquanto ferramentas, armas, instrumentos, processos e estratégias, causar, alimentar e ou gestar na sua presença ou ausência na produção de cuidado e adoecimento. Puxando mais o fio para provocar nosso olhar, sem agulhar as pontas dos dedos e alinhando mais um ponto, anoto nesta mesma folha a previsibilidade de algumas notícias que são jogadas ao ar, em datas institucionalizadas por campanhas de prevenção e conscientização, campanhas que soam anualmente, enquanto o diário que não é o jornal, segue em acontecimentos sofrimento sem um comentário, nota. Mas a imprevisibilidade necropolítica também é matéria que vende e dá pauta.

6. O (DES) ENCONTRO EM UMA (IN) DISCIPLINA PRODUTORA DE ACOLHIMENTO, UMA REDE UNIDA

Rede Unida, dará um bom título de capítulo da minha dissertação, não só pelo congresso, mas pelo que a união das redes de pessoas pode fazer em mim, enquanto sujeito implicado na pesquisa e na vida.

Quantos sabores saberes existem ou podemos conhecer e experimentar na experiência do encontro ou desencontro.

Fiquei em dúvida dúvida sobre a minha produção, formato, mas segue o que o corpo escorrido pela moldura desenquadrada, em suas dobras de fluxo em linhas rizomáticas, implicado, afetado molecular e sentintimente, de um engravidar de mundo em mim a cada trabalho vivo em ato e arte, na esperança de um proceder humanizado cuidando de si e do outro a cada encontro.

Pedaços de mim em mim, entre uma interrupção de um fluxo às margens de um processo de aprender apreender e se cuidar, se oxigenar, oxigenando.

Num florescer do trabalho, nascer origem dura da produção, morto adubo, presente em leve tecnologia, semear em leve duro rocha, roça, terra, vida viva, micropolítica, nanopolítica, cuidado em ato engravidado engravidando processo molecular natureza do existir, resistir e persistir.

Tem que fazer sentido, percebendo os sinais sentidos que a vida vivida pode tomar, horizontes de um sentir que me dobra, nos dobra e a cada dobra uma marca que nos divide nos multiplica nos afeta, transforma verdadeiro sentimento que vivo ou morto se faz a cada ato duro, leve duro, leve linhas de fuga, produzindo a cartografia dos órgãos em uma micropolítica do corpo engravidamento de mundos, palavras corpos encontros dissonantes se encaixando processos de cuidados potência do afeto furando muros, incomodando, acomodando devires possibilitando afecções ser, se ver, máquina de guerra construindo laços de lutas Desencontro, Indisciplina Família, Familiar Evolução, Revolução, Devolução Diz envolvimento, Diz envolver.

Trabalho, movimento, produção, significação, de vez enquanto, em quando desejo realização, sonho sonhado, sonho capturado, presença diante presente Capetalização. Quem pode falar? Quem vai se atentar? Quem pode se relacionar? Quem vai se contentar / contestar? Quem pode se sensibilizar? Quem vai se grigolar? Quem pode se me desviolentar? Quem vai se libertinar? Quem pode se me libertar? Quem vai se tocar? Quem pode o bem disseminar?

Quem vai experimentar? Quem pode e vai nós cuidar?

Dar língua aos afetos, que nos afeta e afetar os que nos afetam para o que nos afetou (não) te nos afete mais.

Micropolítica de um passear. Movimentos circulares. Translação Relação, que nos circulam em um circundar ir e vir - existir de movimento giro momento corrente de união tração de um viver Bi cicle tar.

Me encontro rio. Fluindo na experiência de tocar cada um deles e sentir em mim a fluência do existir os reconhecendo uno no meu banhar.

Fruto demoníaco conexão diabólica expectativa de adormecer medo do empobrecer presente entardecer em nossa face enaltecer a fase de um bem ver da maçã do ser liberdade entre o quem e o querer.

Corpo cuja projétil infantil não se fez atravessar. Bala memória que alojada ao corpo se mantém a lembrar, sinto doloroso fatigar, mas no transladar dos tempos, o relógio não deixa de anunciar, que meses e anos já percorreram esse corpo recordação por muitos mundos lugares.

Traçar essa imagem-projétil aqui dita, é solfejar o percurso dos efeitos da imagética bala tão presente na existência do viver morrer periférico favelado, mas, mais do que isso é dar materialidade, tocar com os olhos, ver o som que perpassa esse corpo-história, que orientado por sua ori Nereida Palko, quase mãe de cabeça nesse processo macumbístico científico o conduz como um abiã, pessoa que entra para a iniciação, aprendizado, vivência, ritos, conhecimento e rituais de feitura na filosofia e religião de matrizes africanas o Candomblé, o embalando no disparar de palavras que vão dando som ao sentimento. Daquele agir outro do outro que o violenta, deixando em mim em ti o que chamo de farpa, bala, projétil que a penetrar o íntimo, finca morada no psicológico, no rubro escarnecido do tecido se faz tatuagem. E ali se faz parte, partindo do entender que o corpo estranho de tanto tempo presente, já não é mais estranho, se apresenta familiar, e se constitui membro em dolorosas sensações que versam afeto. Mas a que se dizer que o corpo em sua produção de cuidado, expele aquele que é só um objeto-projétil alheio e em processo curativo o vazio que se sente é preenchido, reconstituído, pelo cuidado de si, do outro, com si e com os outros nesse processar das feridas.

Mas o eixo rede linha 3 - Psicossociologia de Saúde e Comunidades PPG EICOS UFRJ, proporciona um movimentar, aprendo sobre a epiderme e o que a psico biológica natureza pode nos ofertar, sinto que o tempo passa e em circunstâncias corre, em instantes se faz inerte e naquele período em meu corpo se fazia intercessor.

O que já era parte metal-projétil-mental de mim em uma sofrida existência, ocupando uma parte cotidiana do viver. Ia se tornando corpo estranho por um organismo bem orientado, as micropolíticas e agires vão em composição.

E no percurso do viver pesquisador um convite agencia o início do que parece uma recuperação a dor aumenta o projétil bala abala, se movimenta ferida, o choro, mas o desacomodar se perfaz num regenerar.

Rede Unida, um desconcertante convite para apresentar a palestra ***Bullying, qual é a graça?***⁸, num contexto desarmônico, desenquadrado, desencontrado, online, sem alunos, num congresso de saúde com profissionais formados.

Ali em plena discordância, sem precisão mas com toda emoção, me questiono o porquê de produzir a palestra, para quem e para onde. Reflexivo, lembro da motivação, o outro, o aluno que sofre por transitar nestas vias de violência que em uma viagem escolar os conduzem. Mas em rede uno a semente que foi semeada e enraizada no terreno do eu e deu frutos encontros. E instantaneamente retorno ao primeiro capítulo narrativo e me encontro como esse sujeito agenciador, implicado composto por subjetividade.

Aceito o convite, revérbero tranquilo nervosismo de me levar a ser eu o principal motivo da experiência, correndo todos os riscos por estar nesse momento aceitando um encontro marcado comigo mesmo, em um local que acredito, risos, acredito uma palavra que me era ausente no vocabulário, mas presente no meu ouvir. Retornar ao início, a memória infantil a reviver o trauma, fazendo dele fonte de toda a força para resistir para existir e das marcas nas dobras, fazer novas dobras e me tornar origami.

Era a bala ali sendo rejeitada, depois de tanto tempo de casamento, sendo colocada para fora dando o lugar para a reconstrução da carne, o organismo fazendo a sua natureza parte e tomando o seu lugar de direito, um lugar que não pode ser ocupado pela fria, cinzenta e dura projeção de um ser. Era ali, aqui que aquela rede em todos os seus fios linhas me envolviam, rede unida me amparando, cuidando e assegurando.

Lá entrei naquela sala, acompanhado por uma vestimenta que me tornava não só mundos e sujeitos mas cidadão humano, mesmo na incerteza de acertar o que a expectativa minha vislumbra, foi além, naquele dia eu era o público principal, que vi minhas lágrimas escorrer pela minha história, mas braços e abraços fortes a transporem qualquer possibilidade que eu tinha de desistir de mim e inexistir para o outro. Foram abraços de bom coração

⁸ Link: Programação Congresso Int. Rede Unida:

http://www.redeunida.org.br/media/ckeditor_files/2022/06/17/programacao_salas_17jun_2022_novodocx.pdf

agenciados pela ferramenta palestra artística que conduziram a ter forças geradas por uma fonte inesgotável de fraqueza para iniciar este projeto para a defesa. No passar da poética anterior que narro a palestra artística trago o abraço como um intercessor do resultado da experiência.

O abraço mesmo com o correr do tempo sentado no toco antes de fechar essa sessão, dou minha palavra mão para trazer esse assunto a valorização:

O Amor preto Cura - Chica Xavier, uma Filosofia de Vida de Amor e Fé na Micropolítica do Cuidado.

Em uma sociedade cuja soberania em sua totalidade é necropolítica, um ato de afeto positivo produzido e ou reproduzido, pode ser visto por alguns como uma atitude revolucionária rebelde e para outros uma forma de sobrevivência, cuidado, num movimento de aquilombamento. Partindo por um caminho percorrido por pés descalços em contato com a terra, que sentem cada passo, se sente, ente, presente, pelo encontrar o corpo preto na produção de viver em uma filosofia de vida pautada pelo amor e a fé, encontro Chica Xavier. Mulher preta, ialorixá, mãe, filha, irmã, tia, artista, ativista e militante, Ser que cuida.

Me escorrega um pensar psicossociológico das e nas encruzilhadas que a potência de um encontro pode produzir, em meio aos finos, leves, fios singulares em sua plural existência no entrelaçado encruzilhar num tecido, que nos envolve, acolhe, escolhe, recolhe em nossa essencialidade, ancestralidade, necessidade, vitalidade e molecularmente se materializa em pura vibração dos corpos em uma dança micro e nanopolítica que se efetiva, afetiva e sintetiza no abraço.

Deveria eu ante ao instante, antes do iniciar constante, aqui diz sonante, diz envolvendo, diante do reverberar sextante, pedir:

Agô, perdão, licença e permissão. Primeiramente ao feminino e matriarcal ser principal. Seguindo para aqueles que por aqui passaram, que aqui estão e aqueles que por aqui irão passar, a minha, a nossa ancestralidade, aos mais velhos, aos adultos, jovens e as crianças que tão lindamente doces colorem, correm, vibram o movimento do nosso viver.

E seguindo com as bênçãos, que sigo no caminhar de braços dados a esta poética narrativa escreviente, nesta oraleitura que vai se compondo a cada movimento oral que feito barro, vai tomando forma nota de palavras, frases na linha dessa vivência, escrevivência de um fragmento de memória afetoso com essa negra que ancestralizou “Chica Xavier”.

Assim, corremos essa gira, na gira do cuidado, envolvendo a possibilidade de cura, a promoção da saúde, diante da sonoridade do corpo, a compor o cuidar. A e na revista, re

visto, re vista, no que banho meus olhos pela retina a dedilhar, no furor da ansiedade, normalidade, normal atualidade o processo que aqui se faz, verdadeiro aquilombamento de conhecimento acontecimento que parte do princípio de recomeço, essencialidade da natureza resistente e existente no viver fruto que aldeados plantamos e colhemos e juntos em um ubuntu periférico distribuímos pelos becos e vielas que circulam nosso sangue para que assim possamos existir no gongá, presente em axé, a se reivindicar tudo que de nós aqueles foram a tirar.

O que é o corpo se não sujeito, sujeitado às afecções experienciadas a cada encontro que pode ser produtor de vida, agenciador de micropolíticas e nanopolíticas do cuidado e de bem viver. Entendendo que é direito declarado e constitucionalizado à vida e à saúde.

Atravessado pela biointeração e atropelado pela potencialidade que o trabalho vivo em ato e arte no encontro pode promover e seu encruzilhar nas múltiplas redes existenciais tecendo uma teia que transborda o encontro mundos, edificando o processo de cuidado (re-) estabelecendo pontes do bem viver e abrindo portas para novos fluxos desencanados e encruzilhados em cuidado em sociedade, psicossocial.

O afeto no encontro, o encontro de afeto e o cuidado tem a mencionar na biointeração a necessidade de se localizar por meio de experiências vividas, na esperança que nos localizemos. Entendendo que os mais velhos e a ancestralidade, são mestras e mestres de ofício e toda produção energia orgânica natureza deve ser compartilhada, distribuída entre a vizinhança sociedade, reintegração, biointeração.

Assim, ele Nego Bispo se faz intercessor, agenciador de lembranças que residem no campo circular, e em uma delas me pego a reencontrar e ao respirar me desloco no tempo; o olhar marejado ao tocar a campainha, aquele que precisa de companhia, do outro lado o abrir da porta, um olhar de interação, uma conexão, uma preta velha, Chica Xavier, no instante de um suspiro um abrupto abraço. O tumultuado vazio é ocupado por um amor incondicional constituindo um acesso por uma ponte de carinho, o tempo não vira instante se torna eternidade viva, o perdurar daquele abraço, o desacelerar do coração, o alívio nos ombros, o caminhar, seguir.

A voz serena a confortar, meu filho... Venha cá. Parecia que ela estava ali sempre a esperar. No chão batido do quintal terreiro em forma de roda, balde e bacias com água, ervas, bancos, algumas folhas de plantas. O sussurrar, meu filho a folha de colônia. A ida ao canteiro o contato com a erva com o devido cuidado.

A natureza abraçar, o pedir licença e da natureza o cuidado continuar. Sentado, bem acomodado, quinando as ervas, mais que um banho, mas os dedos e as ervas ali a se

relacionar e um profundo escutar, ao fim do banhar, da energia percorrer o corpo, um sorriso e um abraço. O abraço, no abraço, um aprender a cuidar. Do peito e do pulmão em um suspiro, não piro e pra fora sem um pio, vai todo aquele ar sofreguidão, e em seu olhar um acalento, um sorriso, força que desmanchava toda ruim emoção que perpassava pela mente e pelo coração. O abraço cura confirmação.

O abraço é um dispositivo que pode constituir uma linha de força no processo do cuidar, uma linha de fuga do adoecimento que pode chegar, nessa sociedade que em suma ainda sistematiza o negar, se põem ao violento mecanizar.

Bem viver, viver bem é o que Acosta vem nos contar, a menciona o bem viver, a filosofia do Buen Vivir, como a possibilidade de gestar, alcançar uma forma de viver melhor, emancipada por disputas da humanidade. Tendo em vista o reconhecimento da possibilidade da própria sociedade construir um mundo mais harmônico, diante dos saberes ancestrais na promoção de uma sociedade com menos sofrimento nesse cotidiano colonizado, colonizador.

Pensar nessa possibilidade, é no que Chica Xavier num ato de acolhimento num abraçar, sem questionar ou melhor sem julgar o momento, trouxe com toda sua sensibilidade, amor e fé para restabelecer a harmonia daquele filho, desequilibrado por uma sociedade psicologicamente adoecida, violenta em seus processos relacionais.

Acreditar que um abraço dado de bom coração, é o mesmo que uma benção, uma benção. Uma graça que pode ser não só alcançada no campo individual do cuidado do outro, mas a partir do encontro se consolidar em prática, dispositivo e ferramenta micropolítica nos processos sociais de cuidado. Tornando-se tecnologia leve no devir psicossociológico de saúde e comunidade em uma proposta do exercício de uma “psicossociologia comunitária de libertação” e ou uma “psicossociologia das encruzilhadas” na redução do impacto adoecedor da subjetivação colonizadora na produção de mundo desarmônicos e hegemônicos.

Em agradecimento de estar junto comigo até aqui, lhe envio um abraço poético teatral, mesmo que seja literário, poético e ou virtual, mas com uma felicidade e afeto sem igual.

De braço dado não se recusa abraço, que se abre novo laço, estreita o passo e se põe a caminhar. Seguir.

7. O QUE FAÇO COM O QUE FIZERAM E FAZEM COMIGO

Caminhando por debaixo de minha pele na porosidade do entre, sigo o fluxo sanguíneo do dialogar, alcanço as células, ouço, moléculas, átomos e ali me a percebo. Presente, pertencente a cósmica formação do existir.

E vamos seguindo, seguir é o que me cabe (nós cabe?) sou o sujeito do movimento, da comunicação Exu, seja pelos corpos que entram em uma ginga do capoeirar, que esgueirados no conversar, sentem o comunicar que uma roda ciranda pode apresentar, corpos desconhecidos dançantes a suspirar se reencontrar, malandriados pelos sons provocados pela pele da dor que já nos desconhece e nos faz balançar num bradar. Seja pelo estalar do couro anunciar, vibrando na mão do ogã (aquele que toca e canta nas religiões de matrizes africanas) que ali se abre o terreiro, aldeia, quilombo, mundo outro possível do cuidado, ar que se expande, instante a se e aos nossos encontrar.

Corpos, Palavras, Mundos. São esses corpos tatuados em suas intimidades, doloridos em suas verdades, postos a refletirem por suas lágrimas, a se familiarizar ao perfume sofrido a exalar, em celebração compõem a mais bela conjugação, fragrância presente parente ente aparente consagração. A vulnerabilidade sendo motivo de festa, (des)encontro (des)marcado de comemoração. Que se inicia por uma violação, sofrimento e agressão, Eu vibração que antes do afeto o fato olfato, vem no ar e promove a fricção, o olor se torna o fio a linha da conexão, cerzindo os corpos que se a percebem não serem únicos, mas múltiplos, multidão, formando uma rede de potência tensão, das linhas fraqueza de fuga, fiar cordas de força emancipação. Nesse coletivo se aproximar da biointeração, não para amarrar a violência ou enforcar a agressão, não, mas de outra forma enfrentar, usando a corda como rede de cuidado, ponte e escada, modos e mundos outros, suspensos avistar que o tanque de guerra não é nosso lugar, mas capaz de com a força afetiva, produzir alternativas realidades que não se fazem razão da construção de máquina contra a violência ou agressão, mas uma engenhoca de potencialidade maquinaria de efetiva afetiva força sem violência, sem se alongar na explicação, máquina outra, para transversão, ação de transver o processo do cuidado, descolonizando, contracolonizando e transvendo o Bullying por meio do efeito nanopolítico de um evento puramente vibrátil sensação, palestra artística ***Bullying, Qual é a Graça?***, obra artística ferramenta que em sua performatividade propõe o encontro em um trabalho vivo em ato e arte que em uma cena experiência está ali disponível para o acontecimento, produzindo nos que participam, possibilidades de potências em seu fluxo natural e sensível do acontecer.

Tanque de guerra, máquina de guerra, máquina de violência, máquina contra, anti violência. Não serei aqui ou acolá um anti, anti bullying, anti violência, anti suicídio, anti racista, anti herói, antídoto. Porque, anti, ante, antes, preteritamente ali personificado eles estavam, bem antes de eu pisar, e no conhecer do fruto, já se amadurecia com esses “adjetivos” encaroçados pelo florescer, conviver. Sim, aos meus ouvidos todo anti, antes em si tem o que combate e leva para o embate, mas não entro por essas vielas, pois nessa travessa apertada muito desses adjetivos oferecidos no trânsito, foram os únicos, necessários e indispensáveis instrumentos disponíveis ao seu, meu, nosso favor, ao atravessar das ruas da diferença, agressão, morte, discriminação, impotência, doença, fome, desemprego, desespero, ignorância, opressão depressão, tão sempre sinalizada em vermelho ultrapassar. E seguir o sentido de existir muitas vezes é embarcar na redução de danos, para não ser atropelado por essas ruas. E dirigir-me à ou como anti violência é ser em algumas rotas o motorista condutor da própria violência. Por essas avenidas quero ser trocador, trocar, trocando passagens, pelos cuidados nesse coletivo sobreviver, sobre viver. Diz envolver.

O que eu faço com o que fizeram, fazem e vão fazer comigo? Calma que sem ou de alguma forma eu te respondo, na poética ação te explico.

Peço silêncio, respeito, concentração, atenção aos e com os ouvidos do coração.

Ora pois. Pôs orai. Neste momento velamos o poema, a luz da língua portuguesa, em volta dessa estrofe, do verso morto. Os verbos, artigos, preposições e pronomes, declamam adjetivos daquele verso sofrido e moribundo. Estirado sobre o sofit sulfite em um tablado de madeira e ferro, estava o querido poema, dos olhos escorrem letras, do coração dos amigos gramaticais soam batidas melódicas da onomatopeia, de pé a ilustre figura de linguagem, se despede em metáfora daquele belo e lindo gênero literário. Vá com Deus e volte em vivos, livros, mundos, querido e amado poema.

Aqui provo-co-me com esta poética hipotética narrativa a despertar a possível resposta, aquela que vaga enquanto pergunta a incorporar por entidades discursividades o que se faz com o que fazem com você? Eis que me desmancho, das manchas em azeda acidez do limão, amargor diluído e raspado, na produção de vida doce. Trazer é como um trago, não só somar, tão pouco subtrair, mas multiplicar e dividir não em doses de torpor, dor ou sofrimento. Disso eu já lamento, e antes que chegue o relento, cubro aqueles que como eu, somados aos sofrimentos, se vêm resistindo divididos em fraquezas e em suma sumo existindo, multiplicados em forças, anterior proposta sugestão do desistir, na atual razão do agir, rever reviver reconhecer, nós, os fracos se unindo num amanhecer fortalecer na fraqueza potência do existir, (re) existir, em um benviver, o bem viver, o bem ver.

Embebidos de toda nossa fraqueza, embriagados de toda nossa força.

A Água, dilui um bom exemplo que se faz nítido, descritível, tanto mais sensível palatável na explicação da Nanopolítica produzida pela experiência a partir do encontro, da palestra artística ***Bullying, Qual é a Graça?***, uma gota, por menor que seja em seu estado nano, aos olhos imperceptível, pode pelo ar serenar, com sua fluidez o corpo penetrar, umedecer, aliviar, refrescar, contornar os poros, limpar, decantar, propiciando ali a entrada do ar, a se renovar e por um movimento, em distração um novo momento movimento proporcionar.

8. CONVERSAS NA CONVERSA COM EMERSON ELIAS MERHY

Em uma praça pintada de roda, sob a copa de uma árvore no cair de uma maçã, que iniciamos o trabalho vivo no movimento que o encontro proporciona para nos desdobrar do acontecimento, sentir o cuidado e suas produções brotando do encontro micropolítico.

Oi Victor, Bom dia Merhy (abraço), que bom encontro marcamos, sim, imaginando os encontros como momentos únicos que bom que aceitou o percurso dos encontros na linha 3, claro suas palavras intercessoras proferiram crença em mim e vim na fé, fiquei feliz de ter se agenciado, não tinha como não, acredito vi nos seus olhos, (risos tímido) posso falar uma coisa, a Victor deixa de cerimônia, mesmo tendo seu amor de pai amigo me afetado positivamente ainda tenho receio a lhe falar, que isso, mas o cair da maçã vem me trazendo outros desejos engravidando um relaxar, que bom que venho te afetando nessa produção, sim produção de cuidado de si "ops" de mim, mas me conta um pouco um trecho recorte da realidade, até chegar aqui, sim, claro. Então vamos lá!

Se não fosse o encontro, eu seria do bicho.

Como assim? O encontro que minha mãe proporcionou com os colegas do tráfico e ali ela promoveu a educação e o cuidado, ao falar de que ser do bicho, era estar solto pulando as dobras de caça e caçador.

Se não fosse a potência do encontro, eu seria o bicho.

Qual, quais foram essas potências? Qualquer pessoa vivendo nas condições de vulnerabilidades na favela periferia do Rio de Janeiro ou qualquer outra, teria um caminho percorrido pela potência do sucesso que mais se apresentava, que era o dinheiro “*capetal*” e a possível relação de status poder que o crime oferece, o recolocando na cadeia elementar de vítima para opressor, o fracasso do sucesso. Mas Dona Lilian não deixava mole assim, mesmo na condição de analfabeta, a mãe dava a ação que condicionava a sabedoria de mestre que proporcionava no encontro, o que era o que, apresentava coisas, pessoas, de tudo. Sabendo que depois de conhecer não poderíamos nos abster.

Se não fosse o trabalho vivo no encontro, eu seria a morte.

Por que você se constituiu como a morte? Pelas formas e fôrmas que o sistema necropolítico vem nos operar, educar. Mas o cuidado que uma humana mãe exerceu no exercício do trabalho vivo deixou de produzir a morte em mim.

Victor, deixa eu trazer um comentário da professora Nereida Palko para essa conversa intercessora que nos provoca no agir. Ela diz assim: O cuidado acontece no encontro, no olhar-ver o corpo-alma, reconhecer a excelência da vida da outra pessoa como

valorosa e necessária. Dona Lilian produziu um abraço-laço que te envolve e potencializa em muitos tempos, passado, presente e futuro. Cuidado abraço-laço potência do viver, força na aparente fraqueza. Marcos Victor Meirelles dos Santos de 18 de julho → FORTALEZA! O que me diz?

Início com um leve rompante de emoção que vem a percorrer meu rosto, escorrer pela minha história e ao chegar na boca da memória um gosto de felicidade um abraço na lembrança de alegrias.

O embaraço da emoção na leitura, me desnorteia. Sem saber, esse seu texto é um abraço ou um dispositivo-ferramenta, na reprodução desse comentário, na produção de novas frases para caminhar, ou um sentido de fazer me sentir a possível potência na narrativa dessa conversa. Ainda aqui prendendo a respiração para não chorar. E tentar despejar essa emoção e a razão no texto. Vamos seguir.

Se não fosse o trabalho vivo em ato e arte no encontro, eu veria a morte.

Que olhos de ver, sentiram esta morte ou mortes? Os olhos do corpo, corpos, biológicos, espirituais, psicológicos, sociais, sentimentais, emocionais. Olhos que despejam por essas existências em nós, afecções, afetos, vida, alegrias, sofrimentos, mortes. Digo mortes, por ver nela uma pluralidade de efeitos nos vários corpos. Como no caso de uma violência na escola que age no corpo-aluno de forma a fazer ele deixar de ir viver a escola, rompendo esse vínculo, relação, vida, que se traduz na morte desse aluno nessa sociedade educacional. Mas que fique ciente que não fecho meus olhos para essas mortes, pelo contrário, o trabalho vivo em ato e arte no encontro, produzido pelo meu teatro, me traz a possibilidade de sentir essas mortes e fazer desse aqui que por vezes tem a morte como seguidora, a produzir um sentido de força e da mortes a produção de vidas nas existências de processos de cuidado.

Se não fosse a produção em ato e arte pura no encontro, eu morreria sem ver viver.

E agora você vê esse viver? Risos, muito mais que ver eu sinto, diálogo. Os encontros com a arte e o fazer em ato do teatro produziram possibilidades, horizontes, realidades talvez até diria subjetivações outras as quais a máquina estatal produz em nós. Visto que minha existência antes desse momento era um movimento repetitivo de opções pré determinadas, descartada toda minha subjetividade, ao ponto de eu ter desconsiderado a intenção de ter o “sucesso” no horizonte que a favela me oferecia e a que o Estado me impusera.

Acreditava eu que morreria num movimento inerte, estacionado no ir e vir sugerido impositivamente pelo outro como possível opção a seguir, vendo a vida passar, sem me ver

viver. Como se a estação de trem de Senador Camará, zona oeste do Rio de Janeiro fosse a fronteira e que eu sem passaporte de lá não poderia passar, sair. E com uma pergunta recorrente respondo sua pergunta Merhy. A arte e a educação te salvaram e te tiraram da favela? Não, elas não me tiraram da favela, elas me colocaram em outras favelas, cidades, países, e se salvar é poder ver e sentir a vida no movimento inverso ao de ser morto, digo que sim. Mas o melhor é dizer que a arte e a educação me proporcionam o viver e o que estou fazendo é me vendo viver.

A, Victor que lindo caminhar com você por essa história, sim e nem percebemos o tempo passar, realmente coisa boa acaba rápido, sim por isso devemos compartilhar produzir e realizar cada vez mais esses encontros, curtir muito, eu também, vou te dar um abraço querido, e olha o abraço-laço que me lembra a Nereida Palko, porque, é que o abraço para mim é muito importante e essencial e ela viu aqui no trabalho como uma ferramenta de cura no processo do cuidado, sim isso, é mas vou falar sobre isso no doutorado, bem pensado, grande abraço poético teatral Merhy e obrigado sempre, eu que agradeço a oferta e o encontro Victor.

9. UMA MÃO DE PROSA COM CONCEIÇÃO EVARISTO

A biblioteca é o menor lugar do mundo com a maior concentração de vivos livros em eterno movimento. Nesse movimentar que me vejo nas palavras histórias, a escrevivência desvendar e com sua mãe eu poder conversar. Os encontros na festa literária das periferias (FLUP) no Rio de Janeiro e o vídeo que segue me trazem a essa conversa⁹. Bom dia Conceição, sei que está ocupada e já de saída, mas posso lhe dar um abraço, dois beijos e três dedos de verso. Claro meu filho, não posso negar um ato tão afetuoso. Obrigado, mas não abusando posso trocar três dedos de versos por prosas, juro, não vou me demorar. Fale meu filho.

Então, eu comecei a ter contato com os livros aos 16 anos, fui ler um pouco tarde e na favela onde morava o livro e a leitura era algo distante, você acha que isso pode ser ou ter sido um problema? Victor meu filho, digo por mim, que não nasci rodeada de livros, eu nasci rodeadas de palavras e essas palavras e a oralidade me formaram e tornaram o que sou hoje, você acha que foi um problema. Claro que não, sua fala me fez até percorrer os becos da memória e chegar a concluir que na infância fui rodeado de gestos, intenções, ações, verbos, que tão carinhosamente firmes eram corporificados por minha mãe analfabeta que com toda sua sabedoria poesia, trazia sua potência educação, em suas vozes mulheres.

Juro que vai ser rápido, mais um dedinho. Me vejo sempre recuando, um passo atrás na ação, me preparando, na expectativa dos acontecimentos, seja no trabalho, no amor, na academia e muitas vezes com os olhos d'água, me sinto e acho fraco. Meu filho, na hora da capoeira, o corpo que se afasta não está saindo da luta. Ele se afasta, potencializa, e quando volta, volta com um golpe que pode derrubar. Nem sempre afastar-se é sair da luta. Vindo da senhora aceito como uma benção e assim me coloco na roda da vida pela vida, colocando minha escrita e pesquisa do bullying no jogo da produção do cuidado e vida, e na ginga a gente combina de não morrer.

Dona Conceição, queria trazer minhas experiências para meu projeto de pesquisa do mestrado sobre bullying, posso usar a escrevivência? Meu filho, escrevivência é a memória escrita da vivência, é a escrita de si mas de um sujeito coletivo, e se é para vencer a dor, faça esse movimento na vida e se movimente na escrita, e que essa escrita seja para a casa grande acordar. Sim, farei, se eles querem ver meu sangue, escrever será minha maneira de sangrar e

⁹ Vídeo: 'Escrevivência': Conceição Evaristo fala sobre seu processo criativo no Roda Viva https://www.youtube.com/watch?v=PppP5_TQjQE

de escorrer o grito que se engasgou por longos períodos, represando nos corpos que sofreram e sofrem as violências nas escolas. Muito obrigado Dona Conceição.

10. NA COZINHA CONVERSO COM KATHLEEN TEREZA DA CRUZ

Em uma sexta manhã de café no bule, proseamos sentintes os encontros do trabalho e o trabalho dos encontros. Nessa conversa trago os efeitos que Kathleen produziu em mim a partir do vídeo Pesquisa cartográfica: a produção do conhecimento sentinte, que deixo aqui disponível: https://www.youtube.com/watch?v=W57Z_66RFLE

Meio perdido aqui, buscando um sul no meu ver, mas o que me parece a nortear é enxergar com as vísceras, não só olhar o desenho que me serve a possibilidade de um café, mas nesse chá de cadeira sentir tudo que o movimento audiovisual folicular mente se profunda em um fazer ouvir visceral, dessa escuta bussular se escurecido ao ponto que poderei alcançar em uma sentinte sugestão do agir, linha a linha, sobre corpos terra, rios, oceano de gente.

No caso foi só fechar o olho, desligar a racional representação que já me encontro na cozinha da pesquisa. Cozinha da Pesquisa, lugar na proposição do encontro que se pode experimentar, campo do paladar, onde nós abrimos a conversar, servidos de sentidos físicos, químicos, sociológicos, biológicos, psicossociológicos e todos aqueles que se interessem papear na receita experiência participar. É nessa cozinha que o performar audível, promove um maravilhoso cheiro, dos que uma mesma chaleira, maçã, banana, garfo, pode no ato do pesquisar produzir, nesse espaço horizonte sentinte, em narinas bússolas ao sul ou sudoeste nos propor a cozinhar. Obrigado Kathleen por me nos ofertar a possibilidade de ver como uma receita pode em seu preparo, vários pratos se tornar, é só estarmos disponíveis a experimentar e saborear.

11. CONVERSA COM GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI

É no alvorecer rizomático do encontro que a micropolítica do diálogo pelo desejo há de arvorecer.

Só pode ser uma piada, anedota, eis que o desejo do encontro para um diálogo se desfaz, num agir micropolítico, sim porque encontrar com uma dupla que jaz, é ter o micro, molecular. Mas tudo bem não terei a possibilidade de ter Allan Kardec e o espiritismo para nos contactar, o contato deixo de lado, mas sentado aqui me contento em dialogar com o Rizoma, sim porque é de fato rizomático, não acha. Descrever esse momento onde dois corpos biológicos se decompõem, fragmentam, multiplicam em sua existência celular molecular produzindo ou se fazendo produzir no outro em outros seres. Rizos, estranho, não, rizomático. Ou o que diria das raízes daquela árvore que ao ser decepada pelo escavar do coveiro, tem a pá como um intercessor na produção de outras vidas, sim porque Deleuze e Guattari pode se tornar parte dessa nova muda que no encontro está para ascender, e a minhoca, podemos ver pela mesma pá de situação? Acabo de ver uma ali passando, já me agencia em chamá-la de Félix. Será que Deleuze e Guattari ao produzir a teoria, conceito se imaginavam em engravidar se do próprio rizoma, no balançar de minhas pernas em uma tumba pensante cova que me assenta a dizer que se aqui estivesse iria declamar em epitáfio “Neste local não encontrarás Gilles e Félix, os encontraram em rizomas pelos mundos e vidas produzindo mundos e vidas outras.” Sim, não há o que se opor ao dito, é só desembaraçar os olhos e encontrar um rizoma, emaranhado de linhas infindas, que a cada recorte, frase, tomo, título, livro, conceito, eles vão se desfiando e enfiando pelo corpo em um desencadear e florestar, a internet que nos diga que também é rizoma na ramificação das informações.

12. PAPO COM JORGE LARROSA BONDÍA

É a experiência de um bom dia, no seu efeito em mim e nos outros, que sigo experimentando o que a palavra experiência e a experiência palavra pode nos conversar. O que me agencia a essa conversa são os textos: Notas sobre a experiência e o saber de experiência, e Experiência e Alteridade em Educação e o vídeo Abecedário de Educação de Jorge Larrosa¹⁰.

Aqui me provoco a nos provocar nessa poética experiência das palavras que se corporificam e nos carregam a um passeio no experimentar das vozes lembrança.

Vozes de um corpo-experiência

A voz da escola ressoa

Espaço de aprendizagem, prende, cola

A voz da sala de aula ressoa

Laboratório de pesquisa, jaula, cela, sela

A voz da educação ressoa

Ação de educar, suposição, cuidado, reação

A voz da biblioteca ressoa

Local de libertação, livre, livro, parado

A Voz da disciplina ressoa

Correta ação obediência, correção, dúvida, certeza

A voz do curso ressoa

Percurso a seguir, subjetividade, trajetória, percutir

A voz do muro ressoa

Limite barreira, fora, dentro, intenção

A Voz da Experiência

Laboratório de Ciência, encontro, experimentação, relação

Neste ponto, não me coloco ao ponto de pontuar, deixo que você tenha a vista do seu ponto, pois o ponto de vista, é que invista na continuação, por pura experiência ou experimentação.

¹⁰ Notas sobre a experiência e o saber de experiência, e Experiência e Alteridade em Educação que está no referencial teórico e o vídeo Abecedário de Educação de Jorge Larrosa, que aqui deixo o link disponível: <https://youtu.be/5FtY1psRoS4>

13. DIÁLOGO COM MARCOS E VICTOR

Acho engraçado isso. Eu já acho que vem se engraçando, não é de hoje. Engraçando? Sim, ou acha que meu estar por aqui é de graça. Fora de mim dizer uma coisa dessas. Sim, até porque dizer não é uma propriedade comum que lhe compete. Calma não precisa ser Ogum. Não só Ogum como Oxum, e com a riqueza de detalhe de minha, ou melhor de nossa mãe, que explico que Oxum é uma iabá, orixá feminino das águas doces, dos rios da beleza e riqueza, Ogum é um orixá masculino, do ferro, guerreiro conhecido por sua coragem e força, cultuados nas religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras. Nossa mãe e pai de cabeça, por isso é bom ter você por perto. Lá vem você, mas antes que esse diálogo pareça um monólogo para quem nos ouve, okay, ou nos lê, acho melhor nos apresentar. Sim, claro, eu que acabei começando a conversa e com essa minha “grande eloquência, mais a imensa vontade de falar”, fui sem educação. Relaxa eu sei, por isso estou aqui, mas então eu sou o Victor Meirelles e ele nada menos que Marcos Victor Meirelles dos Santos. Pode me chamar só de Marcos Victor.

Agora sou eu que começo e não com a palavra engraçado, mas estranho. Por que? Ora, já convivemos juntos a mais de 29 anos e nunca paramos para ter um dedo sequer de prosa, não houve um dia que tivesse marcado um papo nosso. Bem lembrado. Mesmo que sejamos tão íntimos, acho que merecíamos este momento. Sim, momento que a professora Ermínia Silva nos agenciou. É haja memória nisso, nessa produção de encontro. Mas como você escreveu naquela música “quem espera sempre alcança, quem espera sempre alcança, não alcanço sempre que espero, espero aquém, no movimento, no movimento...”¹¹. Que memória hein, lembrei-me há pouco dessa canção, quando o professor Emerson Merhy me disse que sou um ser em movimento.

Lembra da sua cara quando fizemos a primeira palestra de bullying, óbvio que sim, não esqueço sua reação. Se já não bastasse trazer o personagem do Marcos a ação, ficou na indecisão se aguentaria a vivência, a cena como invasão. Não precisa estrupiar meu coração. Olha quem tá falando que me deixou de frente a coordenação naquela escola, ouvindo a direção dizer que nós não seríamos capazes de compreender que não fazíamos o tipo daquela ação. Muito engraçado mais foi de supetão, não esperava aquela ação reação, e o Marcos novinho na cena, se envergonhou, mas nós três juntos fomos potência não nós levamos capturamos pela situação e seguimos nosso primeiro dia de trabalho uma equipe na sua função produção, tudo bem que sem saber o que esperávamos, mas nos divertindo enquanto

¹¹ Trecho da canção Esperar Espera de Victor Meirelles

brincávamos dentro daquela produção, viva a cada reação. Sim reação de todos nós, pois além de Eu, Marcos e você tinha a plateia produzindo acontecimento. E nós lá durinhos fizemos cimento. Foi e é lindo essa nossa trupe, parceria e cumplicidade, um abraço coletivo. Opa! Poético e teatral.

Poderíamos continuar essa conversa, acho maravilhoso, sim, só não sei o que a nossa orientadora Nereida Palko vai dizer sobre isso, bem dito, bendito, sim, melhor continuar no doutorado ou em outro livro, aceito. Então melhor seguir a dissertação, sim, vamos seguir a escrita.

14. NOTAS DE ESCURECIMENTO

A de se dar cor, escurecer a escrita em plena brancura para dar leitura a produção aqui viva no ato em movimento, para que pulse em outros corações, moléculas, poeira sacudida a se territorializar e reterritorializar na concretude molar em linhas de força e fuga. A perfumar o ambiente em uma defumação epistêmica, para dar passagem às entidades conceituais incorporadas incorporando o espírito científico acadêmico. Que aqui se desdobram e para que encontre o vinco da dobra, terá o referencial teórico para se debruçar e ver mais e mais de perto tudo aqui escurecido a partir da prática do autor-pesquisador-escrevente.

Bullying - Acredito que depois de todo o percorrer por esta estrada literária do vivido não tenho muito a escurecer sobre o bullying, além de repetir (palavra que resume o bullying violência que se repete) que ele é um fenômeno no qual a agressão repetida ou não, causa na vítima traumas que reproduzem a situação de violência que tenha passado, mantendo um sofrimento constante repetitivo de seus resultados doloroso. A Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros. Já a Lei nº 14.811/2024, em vigor, criminaliza as situações e práticas de violência na escola e em locais de ensino com prisão e multa. As leis em sua íntegra e outras bibliografias que podem lhe aproximar do tema e de suas dobras se encontram no referencial teórico.

Micropolítica - Descrevo aqui a micropolítica diante de seus atravessares na *Palestra Artística Bullying, Qual é a Graça?*, que como engenhoca de produzir furo no muro, uma máquina sem violência é micropolítica, pois no encontro com uma realidade o bullying, possibilita um recorte do agir cotidiano de violências de sujeitos alunos, professores e campos de forças, na produção de realidades, desejos, afetos, intensidades, subjetividade, permitindo acessar na perspectiva das relações de alteridade e poder.

Micropolítica do cuidado - Aqui irei cerzir o que fez se retalho vida, e por um trabalho vivo em ato e arte, por um processo de cuidado, se teceu produção de mais vida nas vidas vividas. Eis que por um motivo movimento percurso no encontro e o poder das relações que se interpenetram arte-encontro-teatro-cuidador-trabalho-saúde-pesquisador-cuidado poder

circundando bordando o tecido subjetivo sócio individual pelas linhas e agulha micropolítica do cuidado que ia produzindo nos caminhos e trajetórias do costurar a produção de vida cuidado.

Índico no referencial teórico os textos de Emerson Merhy, Trabalho em Saúde, O ato de cuidar: a alma dos serviços de saúde e Saúde: a cartografia do trabalho vivo.

Psicossociologia - Para alguns a junção da psicologia com a sociologia, para outros um passo ou braço da psicologia social, para mim, uma possibilidade de trazer meu tema e minha pesquisa para discussão, escutar e ser ouvido na ação da pesquisa, implicar, ser implicado, convidado a atuar, transitar observar, contemplar em níveis de emoções as histórias, vidas, mundos, individuais, coletivos e sociais. Buscando no encruzilhar possíveis mudanças na produção de cuidado, propiciando sentires outros a fazer sentir, sentido, sentidos no coletivo, nos coletivos, nós coletivo.

Rizomático / Rizoma - É a possível perspectiva da multiplicidade existente na relação entre sujeitos, ideias, espaço, natureza, mundos, nas diversas e diversidades de conexões que são estabelecidas a partir de fluxos links que em continuidade do viver, sofrem, cortes ou rupturas, gerando novos fluxos restabelecendo novas vias de tráfego e ou conexões. Uma imagem que ofereço para ilustrar o rizoma é as redes de internet e sua teia de linhas que ao cair, uma nova linha fluxo se constitui redesenhando o caminho. Na palestra o rizoma está na cena que está pronta e disponível para o que pode acontecer, nas rizomáticas possibilidades, potenciais que podem surgir. No referencial teórico você terá a obra de Deleuze e Guattari Mil Platôs que tem um capítulo de introdução sobre o rizoma para seu deleite.

Afecções - Chamo Spinoza para escurecer esse termo, e dizer que afecção, ideias-afecções está no campo dos efeitos e ações que um corpo produz no outro, a mistura dos corpos, a modificação da natureza do corpo desejado afetado. Quando trazemos na palestra o corpo sofrido do personagem palestrante, essa interação e percepção do e com o outro corpo sofrido, produzida no contato entre esses dois corpos e o que modifica e fica no corpo afetado, é o efeito da afecção. No referencial teórico indico o texto de Deleuze, O Afeto e a Ideia do livro Curso Sobre Spinoza, para que possa se debruçar neste tema.

Intercessores - Aqueles que no encontro, em mim e comigo dão movimento ao pensamento, agires, criações. Os intercessores podem ser pessoas, coisas, plantas, sentimentos e etc. Cito aqui o professor doutor Emerson Merhy que neste trabalho agi como intercessor, dando o movimento a ideia conceito de trabalho vivo em ato e a micropolítica do encontro na produção de cuidado dentro desta pesquisa, provocando no entre novos agires no pesquisador e na pesquisa. Nereida Palko ao petelecar a bússola desconcertante que me condicionava a apenas em uma geografia estacionar, se fazendo intercessora para um novo re caminhar, me ver no meio e entender que mesmo dali posso começar. No referencial teórico deixo a indicação do texto Intercessores do livro Conversações de Deleuze e de Merhy , Saúde: a cartografia do trabalho vivo e Redes vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde.

Devires - A beira do rio, o desabar da cachoeira, os pés calejados incapazes de descalço serem tocados pelo mesmo chão por mais de uma vez, fluxos, movimentos, devires, terra, águas que por ela passam, desterritorializam, territorializam, reterritorializam, circular, expirar, espiralar, lar, ar, Exú.

Subjetividade - Neste instante serei mais que objetivo no meu dizer, serei subjetivo. Portanto e não tão pouco esta pesquisa desejo germina por minha pele, tendo mais que um número de identidade, mais também um registro geral de identificação, que atravessa o dna das opiniões, evade o mundo de individuais emoções, e por mais singular, meu, individual que seja, interno ao meu mundo, na galáxia é exposto, vaza, ou melhor não vaza, está imerso sendo replicado em constantes sistemáticas condições simulacros fenomenológicos. O que faz objetivo em minha subjetividade de um corpo-sofrido, carvear caminhos para cuidado, que a nanopolítica trata de produzir ao confraternizar no encontro a identificação de outros corpo-sofridos, subjetivado por uma fraqueza inerente de um processo que em ebulição viver se torna força.

Você vai encontrar no texto de Guattari e Rolnik Subjetividade e História (Cap.2) na obra Micropolítica: Cartografias do Desejo, no referencial teórico.

In mundo - Não me prostrarei mudo, pois in mundo estou, sim foneticamente o entendido e digo imundo no sentido de imundicizar, de estar coberto por tudo vivo que passei por estas páginas desde o primeiro instante que nos encontramos aqui, ao mesmo tempo

dedico a dizer que também in mundo traz tudo que vivemos aqui para dentro de mim, pensando em eu como já dito um mundo, repleto de vida e natureza que se relaciona, está conectada, viva vivendo.

Indico o texto de Paula Cerqueira e Emerson Merhy, Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental, no referencial teórico.

Exú - Não poderia deixar de mover meu pensamento, firmar os dedos cadenciando nem que seja uma frase para entoar a esta entidade de matrizes africanas, Exu, aquele que ao se ver na escolha binária para sua existência entre duas cabaças, produz uma nova opção ao pedir uma terceira cabaça e dela uni o conteúdo das outras duas formando uma outra, é nessa possibilidade de incompletude do se restituir, se fazer começo no meio, de comunicar, do encontro encruzilhada que emana e da vida a outra e se exerce a existência, a este Exu, dou toda a gratidão para o qual ele com sua formosura e potência, aproximava de mim a linguagem, encruzilhando os saberes, professor, pedagogo, comunicador, dando corpo a esta pesquisa e diálogos aos meus caminharos pelos mundos.

Indico para iniciar a leitura de Luiz Rufino, Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. Revista Exitus, v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019.

Escrevivência - Aqui foi a metodologia escolhida ou melhor a possibilidade de trazer a minha escrita o mais perto possível das emoções em uma poética narrativa que o leitor minimamente pudesse sentir os efeitos do que eu digo-vivi-vivo e que dessa formas minhas dores, palavras, sofrimentos, frases e todos o sangue escorrido por essas páginas de uma história que ainda se repete e em muito de mim findam, não seja em vão.

Indico o livro de organização de Duarte e Nunes a obra Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, e também ofereço de Lissandra Vieira e Paula Sandrine " Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social, que se encontra no referencial teórico.

Trabalho vivo - É o trabalho em ato, criativo, dinâmico, inventivo, ato produtivo de coisas e de pessoas, ação entre o homem e a natureza, desempenho do trabalhador relacionado ao ato produtivo e o produto que se gera. Mas o que nos interessa é o conceito de Emerson Elias Merhy, o trabalho vivo em ato na saúde. Que se faz na produção do cuidado no exato momento que o ato é executado pelo humano pessoa profissional. Se fazendo existir no

encontro em um jogo de expectativas e produções enquanto durar este momento. O que se aplica nesta pesquisa no encontro da Palestra Artística *Bullying, Qual é a Graça?*, sendo produzida no instante em que o personagem palestrante interage com os participantes. Momento em que a tecnologia leve é efetivada, “afetivada” agenciando possíveis relações intercessoras na produção do cuidado pelo trabalho vivo em ato. A partir do referencial teórico ofereço obras de Emerson Merhy que vão alimentar esta conversa.

Produção de vida - É a possibilidade que paira no ar, como diz os povos originários, quilombolas e favelados, algo natural natureza, inerente aos seres que nela habita, mas que por frutos colonizador o pecado alguns de nós proporcionou e alguns seja por chamado, devir, ancestralidade, sonho, interesse, ideologia, empregabilidade, ou por “justo capetal” se coloca no local às vezes conclamado por trincheira. Mas que por pessoas que conheci no caminho e não ousou aqui dizer pela quantidade é dito como o que somos e devemos ser, cuidadores, comprometidos, metidos na saúde, viventes vivos na produção de vida e existindo nas vidas vividas.

Índico no referencial teórico os textos de Emerson Merhy, Trabalho em Saúde, O ato de cuidar: a alma dos serviços de saúde e Saúde: a cartografia do trabalho vivo.

Experiência - É a partir da existência do eu, do movimento do corpo feito pelo personagem na palestra de se condicionar no fazer e tornar se disponível a o que pode o movimento no encontro produzir de experiência em si e no outro que ali experimenta, e estar livremente pronto para conhecer, recolher e aprender fora do que a expectativa nos limite, do que o acontecimento pode nos oferecer.

Índico no referencial teórico os textos de Jorge Larrosa Notas sobre a experiência e o saber de experiência, e Experiência e Alteridade em Educação.

Nanopolítica - Para escurecer esse conceito aqui inaugurado nesta pesquisa, o tornando mais visível e compreensível, chamo o professor doutor Paulo Xavier Mendonça, que ao conhecer a Palestra Artística *Bullying, Qual é a Graça?* e esse projeto de pesquisa e dissertação, traz a nanopolítica para conversa e escurecendo que é a partir desta pesquisa que ela se inaugura. Em seu escurecimento diz que a nanopolítica é gerada do evento puramente vibrátil, vibração dos corpos entre si, mas do que os afetos. Até aquele não percebido como afeto vibra na hora que um corpo sofrido encontra com outro corpo sofrido e nesse se encontrar pode até ocorrer entre esses corpos uma celebração, uma festa (abraço), quando ele

reconhece que não é o único, que sua vulnerabilidade pode e é compartilhada com outros vulneráveis e desse acontecimento a fraqueza se vê como força e a vulnerabilidade como uma potência propiciado pelo encontro produzido pela ferramenta Palestra Artística ***Bullying, Qual é a Graça?***.

Em poética explicação tento resumir escurecer o que vejo, sinto e leio como nanopolítica no meu trabalho. Se as palavras têm sentido, não as interprete, sinta! A palavra poder pode no e ao vibrar em sua sonora fonética composição intenção, sentido molecular que transporta por um sistema nano, movimento fala voz, potente sensível que nos arrepia, que nos faz mover o olhar o pensar, dar sentido no sentir se sentindo.

Força Fraca - Poderia me instigar o vazio preferencial ao esclarecer a fraca força, que de tão fraca não moveria palavras para tal feito. Mas é de outro lugar que minhas retinas apreciam o perfumar deste possível conceito. E é nesse encantamento que faço escurecer e tocar a pele, a potência que a fraqueza na minha perspectiva de produção de mundos se torna força. A sensível vulnerabilidade dos corpos, do meu corpo na leveza brutal de atos violentos, despedaça me ao menor contato, desses pedaços me multiplico, das marcas e dobras a possibilidade de novas formas construções, origami. Grãos, gotas, células e moléculas que em sua multiplicidade são expressão da força da afinidade. Sugiro a leitura da tese de Paulo Eduardo Xavier Mendonça.

Xirê - Canto, canção usada nos rituais de religiões de matrizes africanas para celebrar e chamar os orixás. Uma palavra em Yorubá que significa roda, ou dança para a evocação dos Orixás conforme cada nação.

Sujeito implicado - Implicite o efeito que me traz até aqui e faz daqui continuar, ser esse sujeito que tem na produção de conhecimento, o se conhecer e no conhecer pavimentar o conhecimento, nessa produção a implicação de ser comprometido com o que aqui faço, sou e o que faz de mim. Me implica.

Índico no referencial teórico o texto de Emerson Elias. O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido.

Corpo vibrátil - Suely Rolnik me é apresentada e a partir de sua obra ao escurecer da visão somado a Deleuze, Guattari, Espinosa, Larrosa e Merhy, sinto o que a vibração em mim e no do outro pode ser no ser. Passo a perceber e sentir a micro e nanopolítica. Neste

caso não a olhos de ver, mas corpos de sentir, o instante, o acontecimento, a polinização de afetos e afecções que se deslocam dançantes pelo espaço do encontro. E é este corpo que levo e elevo e me ponho no e ao encontro, momento que viola alguns campos pensantes da representação e sendo viola tem em seu corpo acústico mais que sensível e disponível a qualquer canção a possibilidade do dedilhar outro, a força do no ouvir, o toque tocado que toca, intensidade que vibra imperceptível, melodia sensações que surfam pelo oceano que nos envolve, por ondas nervosas sutis. Que ao nos deixarmos livres no viver sentir podemos, na correnteza musical se levar a sentir encontrar novos, múltiplos e possíveis horizontes devires dizeres desejos do viver corpo. E na subjetividade de si e do outro pensar o cuidado do nós, num efeito laço, trança, propondo abraço, no Diz envolvimento e no Diz envolver de ferramenta, processos e produções de vidas vívidas mais vividas.

Assim ofereço um dos vários textos de Rolnik publicados que se encontram no referencial teórico, *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora UFRGS, 2007.

Corpo sem órgãos - Tenho dúvidas ao dizer que é um conjunto de práticas, pois sem órgãos é as vistas não estar e se fazer dependente dos organismos, formas, sistemas, padrões, ações, regidas, estabelecidas e impostas por uma sociedade colonizador. Que ajuíza, reprime, oprime, organiza, automatiza e institui. O corpo sem órgãos, é corpo afetivo, intensivo, livre, vulnerável no melhor sentido da vulnerabilidade, aquele que está sensível, conectado e se reconectando a desejos, receptivo e aberto aos fluxos, passível possível de impulsos vitalidade. É o corpo da experiência, a existência numa criação construção contínua re-existindo resistindo, uma possível conexão com corpo ancestral.

Indicado no referencial teórico o texto de Antonin Artaud *O Teatro e Seu Duplo*, *Anti Édipo* e *Mil Platôs* de Deleuze e Guattari.

Furo no Muro - Fazer furo no muro, expressão, conceito, ferramenta, dispositivo aprendido e capturado em aula da linha 3 de pesquisa - psicossociologia da saúde e comunidade do PPG EICOS UFRJ ministrada pela professora doutora Paula Cerqueira, que possibilita em um campo muitas vezes do imperceptível, inacessível e ou invisíveis produzir acesso, ruptura, fenda, caminho, na estrutura protetiva limitante que se ergue de dentro para fora ou de fora para dentro, possibilitando o encontro com o que está represado, oportunizando ao pesquisador a mergulhar ou sentir essa água vazar, possibilitando no que

couber a produção de cuidado. Trazendo um exemplo de Manoel de Barros muitas vezes intercessor da Professora Paula e nosso agenciador, o fazer o furo no muro é a possibilidade do transver, ver com outros sentidos, sentidos outros do sentir. Um dos efeitos provocados no encontro Palestra Artística *Bullying, Qual é a Graça?*, é o de diante a experimentação ao longo da palestra o participante abrir uma janela de acesso ao vivido, trazendo para a roda experiências que viveu relacionada ao cenário de bullying e violência. E neste acontecimento gerado pelo encontro nos dar a possibilidade de transver as memórias e possíveis traumas a partir do furo no muro propiciado pela Palestra Artística *Bullying, Qual é a Graça?*.

Máquina de Guerra - A máquina de guerra aqui é a engenhoca Palestra Artística *Bullying, Qual é a Graça?*, encontro produtor de furos nos muros, entendendo o conceito de máquina de guerra de Gilles Deleuze e Félix Guattari em sua obra *Mil Platôs*, a máquina não tem relação com poder bélico, mas é uma potência inventiva em sua multiplicidade, produtora contínua de intensidade e afirmações, compositora plural de conexões, acoplamentos em seus processos de fluxo, corte e fluxo, desterritorializando e reterritorializando, provocadora de agenciamentos sociais e históricos, capazes de promover fissuras na organização da máquina estatal. Vejo que também junto a cena da produção dessa engenhoca ferramenta, dispositivo, a máquina de guerra engravidada pela professora Paula Cerqueira ao falar da palestra como engenhoca de produzir furo no muro, de transver o processo do cuidado, descolonizando e transvendo o bullying, também se faz presente. A partir dos intercessores Paula Cerqueira e Manoel de Barro, vendo a palestra artística como dispositivo-ferramenta, ela é a “escova, a escovar a palavra que é corpo existência, ao ponto de ao escovar as camadas se aprofundar e em contato com tato, tocar os mundos que compõe o corpo-palavra corpo-alma e ver-sentir os movimentos dessa galáxias no existir”.

Teatro de Marcos e Victor - É o resultado de um corpo cênico que se faz verdade teatral, ensaiado e constituído de uma observação da vida enquanto arte e da arte enquanto viver. Não numa reprodução, mas de uma produção florescer do terreno fértil adubado pela essência extraída de Augusto Boal, Jerzy Grotowski, Fernanda Montenegro, Konstantin Stanislavsky, Chica Xavier, Zé Celso Martinez, Antonin Artaud, Abdias do Nascimento, Grande Otelo, Antunes Filho e tantos outros artistas que assim se fizeram conhecer brotar, na construção desse teatro que é um Marco de Marcos e Victor. Um teatro composto da existência e resistência, num tablado social que presa a força transformadora, reflexiva, crítica, impactante e ativadora que o teatro possui, enquanto corpo, voz, narrativa e

ferramenta. Penetrando nos palcos da vida, contracenando a realidade possibilitando novos modos de agir, ver e viver. O teatro que tende a se constituir do acontecimento e propõem no seu efeitos simplesmente tocar diante da experiência espetáculo ofertada.

Racismo estrutural - É a arquitetura que conduz e é conduzida pela necropolítica na produção de estruturas, edificadas nos corpos, corpo-social e sociedade, construídos por materiais como discriminação, violação, opressão, repressão, invisibilização do corpo preto, negro, periférico, favelado, afrobrasileiro e africano. E em certo grau de naturalização, vem se reproduzindo em arranha céus, condomínios e bairros pelos terrenos da vida, provocando sofrimentos e mortes. No referencial teórico ofertado obras para que se aproxime mais dos termos e conceito do livro de Silvio Almeida, *Racismo Estrutural* e de Achille Mbembe, *Necropolítica*.

Biointeração - É a possibilidade da boa relação dos seres vivos, é não só orquestrar mas fazer fluir, confluir. Na essência da confluência o resgate ancestral, o viver sobre viver, sobreviver se relacionando interagindo com os seres e o meio que habitamos de uma forma não individualista, violenta, capitalista, predatória e destrutiva. Mas conjunta, coletiva, comunitária, familiar, aldeada, quilombada, favelada, em uma comunhão prazerosa entre humanos e natureza. É a proposta que parte de um coletivo desejo vontade de diz envolvimento e diz envolver que ao contatar uma escola, instituição de ensino, ao chegar em um território, ao entrar em sala de aula, a partir do encontro ciranda, roda, gira, resenha, o extrair, utilizar, cultivar, colher, coletar, reeditar e compartilhar por um trabalho vivo em ato e arte, biointeração, acolhimento, cuidado, alegria, viver, oferecendo processos outros do que extraímos das produções de adoecimento, sofrimento e violência que ali se mantinha frutos do sistema colonizador. Promovendo no amanhã uma convivência mais saudável. Possibilitando o adiar do fim do mundo ou dos seres que nele habitam e a queda de nossos céus.

Sugiro a leitura do texto de Antônio Bispo (Nego Bispo), *Quilombo, colonizações: modos e significados*, citado no referencial teórico.

Tecnologia leve e dura - No processo de cuidado, na produção de vida no cotidiano do trabalho em saúde e no trabalho vivo em ato e arte que aqui desempenhamos a partir da ferramenta Palestra Artística *Bullying, Qual é a Graça?* é a tecnologia leve a caixa de ferramentas que possibilita no encontro a construção de vínculo a conexão com os participantes e a possibilidade de juntos produzirmos a um processo de cuidado tendo o outro

no protagonismo ou a ele a possibilidade de ser ouvido e trazer suas dores e necessidades para que se idealize o processo de cuidado. E desse passo seguimos com o percurso do cuidado usando as tecnologias leves duras, proporcionada pelos saberes técnicos, sintéticos, constituídos no profissional, trabalhador da saúde sobre o participante usuário, que pode diante da decisão do trabalhador em outra fase fazer uso de exames e outros instrumentos que constituem a tecnologia dura e fria.

Indico no referencial teórico os textos de Emerson Merhy, Trabalho em Saúde, O ato de cuidar: a alma dos serviços de saúde e Saúde: a cartografia do trabalho vivo.

Ogã - Nas religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras é médium responsável pelo canto e pelo toque dos instrumentos musicais, ocupa um cargo de certa forma de interlocutor, comunicador, condutor de suma importância e de responsabilidade dentro dos rituais, como reger conjunto de vozes e toques do atabaque, que convida os orixás e entidades a gira, roda, a incorporação. A palavra Ogã vem do Yorubá.

Cozinha da pesquisa - Neste projeto é o conceito ferramenta que possibilita no contexto dessa pesquisa, ver todo os espaços, sala de aula, auditório, pátio, terreiro, rua, quadra, praça, parque um espaço território laboratório diante do encontro de produzir experiência e pesquisa tornando possível a construção do conhecimento, a experimentação e o se alimentar de todos os sabores que naquele instante no cozinhar podemos acessar e provar. E nos dados alimentos elementos legumes uma produção receita de cuidado em saúde, servir ofertar.

Indico no referencial teórico do texto de Kathelen Cruz, Na cozinha da pesquisa: conversações sobre os encontros do trabalho e o trabalho dos encontros.

In: Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes.2 ed.Rio de Janeiro: Hexis, 2016, v.1, p. 252-269.

Sevirologia - Princípio, termo e ou conceito cunhado e originado da expressão “Se Vira” utilizada nas periferias, comunidades vulnerabilizadas, territórios marginalizados, favelas. Onde por conta da severa escassez e necessidade, os viventes “crias” moradores de lá como eu, para se manter vivos, tem que se virar, produzir, gerar e engravidar novas possibilidades para a produção de vida, de sobrevivência, de existência, resistência. Dessa forma este termo está intimamente ligado a potencialidade, inventividade, capacidade,

criatividade, imaginação e força que desse povo. Germinando da falta, algo que possa se resignificar, reeditar, para continuar a colher, prosperar e compartilhar. Para não deixar faltar. E nesse corre, poder colaborar e cuidar dos e com os seus. É na palavra “não” que vai se conjugando novos verbos e como sujeito construído periférico gramatical vai construindo outras orações e em predicados, tempos fase fazendo a manutenção dos sujeitos da ação, vivendo em toda direção.

Esta pesquisa tem muito do princípio da sevirologia, onde eu com o que tinha, o que passava e bem não me sentia, tive que me virar para reduzir os danos, e poder sobreviver. Foi o que fiz com o que me deram e fizeram comigo.

15. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M & RUA, MG. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAHÃO, Ana Lúcia et al. **O pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde**. In: FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz; BERTUSSI, Débora Cristina; MERHY, Emerson Elias (orgs.). Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes. 1. ed. Rio de Janeiro: Hexis, 2016.

ACOSTA, A. **O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo**. In: SOUSA, C. M., org. Um convite à utopia [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Um convite à utopia collection, vol. 1, pp. 203-233. ISBN: 978-85-7879-488-0. Available from: doi: 10.7476/9788578794880.0006. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/kcdz2/epub/sousa-9788578794880.epub>.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. Lisboa: Minotauro, s.d. (São Paulo: Max Limonad, 1884)

BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, [s. l.], n. 19, jan.-abr., 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Experiência e Alteridade em Educação**. Revista Reflexão e Ação (Santa Cruz do Sul), v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

BOEHM, C . Reportagem, SP: **29% dos jovens sofreram bullying em 2019 em escolas**.

Agência Brasil 2020, acessado em 11/2020.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-02/sp-29-dos-jovens-sofreram-bullyng-em-2019-em-escolas>

BRANGATTI, P. R. **O ensino de filosofia no segundo grau: uma necessidade de leitura do cotidiano.** Piracicaba: Unimep, 1993.

CAVALCANTE, K. L. (2020) **Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano.** Sertão Pernambuco: Revista Semiárido de Visu, 2020, v8. n.2

COSTA, M. dos P. da S. **FILOSOFIA Alguns Tópicos.** Pato Branco-PR 2004.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociologias, ano 4, nº 8, p 432-443, jul-dez . Porto Alegre/RS, 2002

CRUZ, KT. Capítulo 1 - **Caminhos Cartográficos.** In: Agires militantes, produção de territórios e modos de governar: conversações sobre o governo de si e dos outros / Kathleen Tereza da Cruz. – Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016. pg 31-123

CRUZ, KT; Kulpa, S; BADUY, RS; SEIXAS, CT; BADUY, RS; Lima, JVC; Lopes, MLS; SLOMP JÚNIOR, H; LOPES, CVA; BORTOLETTO, MSS; TALLEMBERG,C.. **Na cozinha da pesquisa: conversações sobre os encontros do trabalho e o trabalho dos encontros.** In: Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes.2 ed.Rio de Janeiro : Hexis, 2016, v.1, p. 252-269.

DELEUZE, Gilles & FÉLIX, Guattari. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** [vol. 1]. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 34. ed. Rio de Janeiro: 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Introdução: rizoma.** Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v. 1, p. 11-37, 1995.

DELEUZE, G. Curso de 24 de janeiro de 1978 - **O feto e a ideia.** Em: Cursos sobre Spinoza

(Vincennes, 1978-1981). Tradução: Emanuel Angelo da Rocha Fragoso et al. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019. p. 33–70.

DELEUZE, Gilles. **Intercessores**. Em: Conversações 1972-1990. Tradução: Peter P Pelbart. ed. São Paulo. Editora 34, 1992.

Duarte CL; Nunes IR (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>

FANTE, C. Fenômeno Bullying: **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Versus Editora, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, vol II – O Uso dos Prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Subjetividade e História (Cap.2)**. In: Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 2010. pp.33-148.

HUR, D. U. **Forças, potência e micropolítica (cap.1)**. In: Psicologia, Política e Esquizoanálise. Campinas: Alínea, 2019. pp.15-46.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Editora Companhia das letras, 2019.

MANDELA, N. **Da autobiografia O longo caminho para a liberdade**. São Paulo: Planeta, 2012

MBEMBE, A. **NECROPOLÍTICA: biopoder, soberania, estado de exceção, política de**

morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MERHY EE.; GOMES MPC. **Pesquisadores IN-MUNDO : um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental.** Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 176 p. : il. - (Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde).

MERHY, Emerson Elias et al. **O ato de cuidar: a alma dos serviços de saúde.** BRASIL.

Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde.

Departamento de gestão da Educação na Saúde. VER–SUS Brasil: cadernos de textos.

Brasília: Ministério da Saúde, p. 108-137, 2004. Disponível em

<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2103.pdf>. Acesso em: 31 out. 2021.

MERHY. E.E. & FEUERWERKER, L.C.M. **Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea.** In: FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz; BERTUSSI, Débora Cristina; MERHY, Emerson Elias (orgs.). Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes. 1. ed. Rio de Janeiro: Hexis, 2016.

MERHY, Emerson Elias et al. **Redes vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde.** In: FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz; BERTUSSI, Débora Cristina; MERHY, Emerson Elias (orgs.). Avaliação Compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes.1. ed. Rio de Janeiro: Hexis, 2016.

MERHY, E.E et al. In: FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz; BERTUSSI, Débora Cristina; MERHY, Emerson Elias (orgs.). **Avaliação Compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes.**1. ed. Rio de Janeiro: Hexis, 2016.

MERHY, Emerson Elias. **As vistas dos pontos de vista.** Tensão dos programas de Saúde da Família que pedem medidas. Rev Bras Saúde Família [internet], v. 15, n. 35/36, p. 1-7, 2013. Disponível em:

http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/artigo_emerson_merhy.pdf. Acesso em 28 set. 2021.

MERHY, E. E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MERHY, Emerson Elias et al. **Trabalho em saúde**. Material produzido para a EPJV/FIOCRUZ, 2005.

PASSOS, E e BARROS, RB, **Pistas do Método Cartográfico**. Sulinas, Porto Alegre, 2009.

PASSOS, E. & BARROS, R.B. **A Cartografia Como Método de Pesquisa-Intervenção**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana (orgs.). *Pistas do Método Cartográfico Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PEREIRA, A. L. & LAPA, ESTEVES, M. **A Importância de um abraço!**. International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicología, Nº1, 2010. ISSN: 0214-9877. pp:143-148

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Imprensa Portuguesa- Porto, 2002.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm .Acesso em 28 set. 2022.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14811.htm .Acesso em 16 jan. 2024.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ, 2006.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora UFRGS, 2007.

ROLNIK, Suely. **Subjetividade antropofágica**. NÚCLEO de Estudo da Subjetividade, p. 01-17, 1998.

RUOTTI, C. ; ALVEZ, R. & CUBAS, V. O. **Violência na Escola: um guia para pais e professores.** São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação.** Revista Exitus, v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nego Bispo). **Quilombo, colonizações: modos e significados.** Ed: INCTI/UnB. 2015. 81-85.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, A. A. E. da. **A ética e o direito.** Águia - Revista Científica da FENORD – Teófilo Otoni. MG, 2016.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social.** Revista Psicologia Política, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419> . Acesso em 10/09/2023.

<https://veja.abril.com.br/brasil/atirador-de-realengo-sofria-bullying-no-colegio-diz-ex-colega>
Acesso em 10 set. 2023.